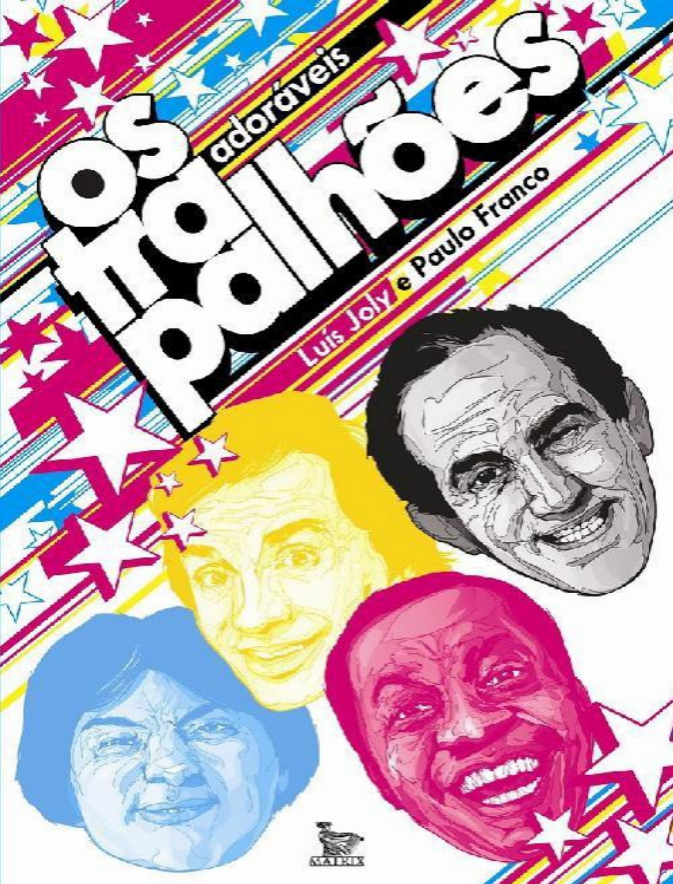
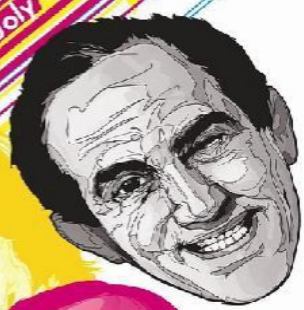




adoráveis

Os Trapalhões

Luís Joly e Paulo Franco





os
tra adoráveis
palhões



Luís Joly e Paulo Franco

os tra palhões

adoráveis



© 2007 - Luís Joly e Paulo Franco

Direitos em língua portuguesa para o
Brasil:

Matrix Editora

atendimento@matrixeditora.com.br

www.matrixeditora.com.br

Diretor editorial:

Paulo Tadeu

Ilustração:

Kako

Foto dos autores:

Edson Kumasaka

Diagramação:

Diogo Shiraiwa

Revisão:

Adriana Parra

Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP)
SINDICATO NACIONAL DOS
EDITORES DE LIVROS, RJ.

Joly, Luís

Adoráveis Trapalhões : histórias e
curiosidades do quarteto mais famoso
do Brasil / Luís Joly, Paulo Franco. -
São Paulo : Matrix, 2007.

1. Os Trapalhões (Programa de
televisão). 2. Humorismo brasileiro. 3.

Comediantes - Brasil. I. Franco, Paulo.
I. Título.

07-3546.

CDD: 791.4572

CDU: 654.19

*Luís e Paulo:
às nossas famílias, um porto seguro.*

Adoráveis Agradecimentos

Luís Joly agradece:

A Deus, por permitir que tudo isso fosse possível. À minha família (pai, mãe, Pê, irmã); a todos os meus amigos e colegas que me suportaram durante o período “atrapalhado”, especialmente o final. Ao fã Lincoln, que me ajudou na confecção da obra. Agradeço, ainda, ao amigo e irmão Fernando Thuler, pela breve participação no projeto. Pedro, obrigado por pegar os livros para mim! Porco, valeu pela pesquisa! Lisa, tão

especial que nem sabe. Aos colegas e amigos da Jeffrey e LVBA, que me agüentaram e apoiaram quando necessário. Ao amigo Paulo Franco, claro, pela paciência e por conseguir tempo para as entrevistas. E, finalmente, a cada pessoa envolvida na história dos Trapalhões, que buscamos (também) homenagear aqui.

Paulo Franco agradece:

Agradeço a Deus pela minha vida. À minha mulher, Cristina, pela cumplicidade. Aos meus amigos, pelo apoio e, em especial, a Carlos César Filho (Cesinha) e a Marcos Rezende, que foram fundamentais para este projeto. Aos

entrevistados, pela paciência. Ao amigo Luís Joly, pela incansável dedicação. E ao editor Paulo Tadeu, por novamente acreditar em nosso trabalho.

Índice

Adoráveis Agradecimentos

Prefácio

Introdução

Guia Trapalhão

I - Televisão

1 Breve introdução ao mundo do humor na TV

2 Dedé e Didi... ou Didi e Dedé?

3 Indo para a Excelsior

4 O elenco

5 “Os Quatro... Alguma Coisa!”

6 O primeiro fim

7 Os Insociáveis

8 Originais do Samba e Mussum

9 Finalmente, Os Trapalhões

10 Beto Carreeero!

11 Moranguinho, o Zacarias

12 A música-tema dos

Trapalhões

13 Estréia na Globo

14 Merchandising

15 O ápice na TV Globo
(e no cinema)

16 1983: a separação
dos Trapalhões e
problemas de
relacionamento

17 Criança Esperança

18 A morte de Zacarias

19 O Trapa Hotel

20 Os últimos anos

21 A morte de Mussum

22 Ora, pois, os

Trapalhões em Portugal

II - Cinema

Nota dos Autores

1 Introdução

2 Filmografia de Os
Trapalhões

3 Os Trapalhões e o riso

4 Os filmes

5 Conclusão (dos filmes)

III - Curiosidades

Referências Bibliográficas





*Tom Cavalcante ao lado de Renato em um especial de Romeu e Julieta.
Arquivo Tom Cavalcante.*

Prefácio

Após a publicação do excelente trabalho de pesquisa sobre o famoso Chaves, Luís Joly e Paulo Franco nos presenteiam, agora, com outro fenômeno popular. Tão grande ou maior que o próprio seriado mexicano. Com a diferença, porém, de que este é exclusivo nosso. Algo criado com raízes brasileiras, fincado em piadas nascidas aqui, em nosso povo, nossos costumes e nossa cultura.

Apesar de sempre admirar muito o trabalho dos Trapalhões e de Renato Aragão, meu conterrâneo, foi muito curta minha participação com eles enquanto

ainda existia o grupo. No entanto, consigo me lembrar com detalhes de um momento em particular.

Tratava-se de um especial de Natal do quarteto, no ano de 1993. Infelizmente, seria o último Natal com o grupo. Eu fui um dos convidados. Na época, ainda novo, eu fazia sucesso participando da Escolinha do Professor Raimundo.

No quadro, Renato Aragão foi o Papai Noel, e eu fiz uma imitação do Clodovil. As lembranças que tenho da gravação são as de Renato rindo. Mas rindo tanto que ele mal conseguia fazer a gravação. Tivemos que recomeçar a cena incontáveis vezes.

Os Trapalhões serviram de fonte

humorística para muitas pessoas que vieram depois – inclusive eu. E um fenômeno como eles merecia um trabalho que contasse um pouco de sua trajetória tão espetacular ao longo dos anos.

Eles deixaram uma marca de alegria no Brasil, uma marca que segue para sempre em nossas vidas. Os Trapalhões deram novos rumos ao conceito de humor no Brasil. Um humor regional, simples, de fácil entendimento e genuíno.

Prepare-se para uma viagem no tempo. Uma viagem extremamente divertida, para uma época em que o humor era obrigatório todo domingo à noite. É isso aí. E, como diria o Didi, *ô da poltrona*, é hora de ler e aprender, ou simplesmente lembrar a vida e obra

desse mundo atrapalhado, porém, genial.

Senhoras e senhores, com vocês, os adoráveis Trapalhões.

Tom Cavalcante

Introdução

Outro dia, um grande amigo estava comigo ao telefone. Já fazia tempo que não nos falávamos, e ele mal sabia da loucura em que eu estava mergulhado – depois de poucos dias, entregaria os arquivos finais deste livro, que agora você tem em mãos. Era uma corrida contra o relógio.

Conversa fiada daqui e dali, eu lhe contei da minha missão, e ele acabou me perguntando qual era minha expectativa quanto à aceitação da obra. “Sim, afinal, *Trapalhões* não é tão famoso como o *Chaves*”, afirmou, comparando a obra atual com as duas anteriores que

produzimos e que retratam, justamente, a vila mexicana do programa *Chaves*.

Naquele momento, não me preocupei muito com a resposta, mas, horas depois, comecei a pensar quanto a geração mais jovem desconhece o fenômeno que foram os Trapalhões.

Fenômeno que perdurou por quatro décadas, ou seja, pela maior parte da vida da televisão brasileira até o momento.

Os Trapalhões, porém, perde em um aspecto fundamental para os programas exibidos nos dias atuais: ele não sobreviveu o suficiente para chegar à era da internet. Seguindo uma linha comparativa, o nosso amigo *Chaves*, por exemplo, segue no ar desde a década de

1980 e conquistou uma geração que já nasceu conectada e *on-line*. Quando o programa, liderado por Renato Aragão, chegou ao fim, a rede mundial de computadores apenas engatinhava no Brasil. E, hoje, como sabemos, ela é a maior ferramenta para disseminação de qualquer tipo de fato – seja ele bom ou ruim.

A música-tema de *Os Trapalhões*, criada por Zé Menezes, permaneceu por décadas nos ouvidos dos brasileiros, e, se parou de tocar na televisão, continua a ser reproduzida na memória de todos aqueles que, aos domingos, se deixavam contagiar com a graça e o humor do inconfundível quarteto mais atrapalhado e querido do Brasil.

Para as gerações mais novas, porém, falar de *Os Trapalhões* é algo nostálgico. Hoje, são raríssimos os filmes nacionais que levam 3, 4, ou até 5 milhões de espectadores ao cinema. Os Trapalhões faziam isso todas as férias, todo ano. Infelizmente, a turma de hoje acompanha, quando muito, apenas as polêmicas entre Didi e Dedé que saem de tempos em tempos na imprensa, ou os filmes que contam somente com Renato Aragão. Para eles, *Os Trapalhões* pode ser algo tão antigo quanto *A Família Trapo* ou *A Praça da Alegria*, nomes que surgem apenas em livros sobre comunicação e documentários sobre a história da TV.

A nova geração não *vive* a febre do

grupo no Brasil. Mal sabe que ele não é dos anos 1980, nem dos 70, mas da década anterior. Para esses jovens, Renato Aragão é apenas um humorista que um dia deve ter sido genial, e, hoje, aparece aos domingos com um grupo de pessoas mais novas.

Essa juventude não teve a oportunidade de ver o quarteto em seu auge – muitos não viram o inimitável Mussum com sua espontaneidade e seu carisma hilários e naturais; a pureza e infantilidade teatral de Zacarias; Dedé quando ainda tinha pinta de galã, ou Didi nos tempos em que dava cambalhotas tão rapidamente quanto falava *ô psit* e estalava os dedos com um olhar magnético – seu gesto típico.

Os Trapalhões foram os últimos palhaços autênticos da televisão brasileira. Em seus últimos anos de atuação, viram programas contemporâneos, como *TV Pirata* ou *Casseta & Planeta*, adaptarem-se ao humor politicamente incorreto, chamado de “inteligente” e, muitas vezes, à base de sarcasmo e alguma apelação.

Entre 1966 e 1995, o grupo levou à TV o humor dos picadeiros de circo espalhados pelo país. Apresentou à nação brasileira um pouco do humor regional do país, que vai do malandro carioca ao mineiro tímido. Protagonizou a comédia mais simples e honesta possível. Em suas diversas formações, levou milhões e milhões de pessoas aos cinemas, aos

circos, shows, ou simplesmente para a frente da TV, sob a bandeira de diversos canais, mas, especialmente, sob a bandeira de um humor bem-feito, ingênuo, puro e eterno – fórmula de sucesso em qualquer país e em qualquer época.

O título que demos a este livro tem duas motivações. Afinal, *Adoráveis Trapalhões* foi o nome do programa que deu origem ao grupo, quando criado pela TV Excelsior. Porém, o adjetivo rompe todas as barreiras de tempo e espaço. Afinal, adoráveis são as pessoas que deixam saudade, aquela saudade boa, que todos nós gostamos de ter. Portanto, *ô da poltrona*, instale-se confortavelmente nela e seja bem-vindo – de novo ou pela primeira vez – ao mundo mágico dos

Trapalhões.

Guia Trapalhão

Para os caros amigos que já conhecem nossos outros livros, isso não é novidade: um pequeno guia com alguns dos principais nomes que circulam pelas páginas a seguir. Assim, ninguém fica “atrapalhado” com tantos nomes:

Renato Aragão (1936-) / Didi: o trapalhão mais famoso, líder do quarteto. Entrou para o grupo em 1966, na primeira formação, na TV Excelsior.

Manfried Sant’Anna (1936-) / Dedé: o humorista-escada e galã da turma. Ingressou também na primeira

formação da Excelsior, como parte do elenco de apoio.

Antônio Carlos Bernardes Gomes (1941-1994) / Mussum: entrou para Os *Trapalhões* em 1970, quando o grupo levava o nome de Os *Insociáveis*. A segunda baixa do grupo com a formação mais famosa.

Mauro Faccio Gonçalves (1934-1990) / Zacarias: o último a entrar para o time, em 1976, às vésperas da ida para a TV Globo. A primeira baixa do grupo com a formação mais famosa.

Wanderley Cardoso (1945-): foi o primeiro trapalhão, na criação do

quarteto, à época da Excelsior. Ficou conhecido como *o bom rapaz* por uma de suas músicas, famosas na época da Jovem Guarda. Saiu do time após o fechamento da Excelsior, mas sempre fez participações especiais.

Ivon Cury (1928-1995): esteve no primeiro time dos Trapalhões. Ator e cantor famoso, foi convocado para auxiliar no programa nos tempos da Excelsior.

Ted Boy Marino (1939-): famoso no gênero de luta livre, também fez parte do primeiro time do quarteto, ainda na Excelsior.

Roberto Guilherme (1938-) / Sargento Pincel: já fazia parte do elenco de apoio do quarteto em sua fase inicial, ao lado de Dedé. Depois de idas e vindas, firmou-se no elenco em 1982, na Globo.

Augusto Temístocles Silva (1926-1993) / Tião Macalé: *Ih, nojento*, comico integrante de *Os Trapalhões* em diversas fases do grupo. Ficou famoso também pelo programa *Balança, mas não cai*.

Wilton Franco (1930-): considerado um verdadeiro mestre do humor, foi um dos idealizadores do grupo original. Voltou à direção da trupe nos anos 1990.

José Bonifácio de Oliveira Sobrinho (1935-) / Boni: ícone da televisão, diretor de programação da TV Globo por muitos anos, Boni participou do processo de contratação dos *Trapalhões* da Tupi para a Globo.

Adriano Stuart (1944-): dirigiu *Os Trapalhões* entre 1977 e 1981, na Globo, além de alguns dos filmes de maior bilheteria do quarteto.

Augusto César Vanucci (1934-1992): escreveu para *Os Trapalhões* e foi diretor do programa no início da fase, na Globo.

João Batista Sérgio Murad (1945-) /

Beto Carrero: empresário dos Trapalhões, em muitas situações. Ao lado de Aragão, cuidava dos negócios do grupo, e também participou de alguns filmes.

José Carlos Kunstat (1933-2003) / Carlos Kurt: o alemão de olhos grandes que era presença constante (normalmente, como vilão) no elenco de apoio de *Os Trapalhões*, inclusive nos filmes.

Emanoel Rodrigues (1936-): uma das figuras mais importantes no cenário de *Os Trapalhões* (você verá o nome dele em vários momentos do livro). Foi um dos criadores do grupo e escreveu o texto

do programa durante quase todas as suas fases.

Carlos Alberto da Nóbrega (1936-): escreveu, junto de Emanuel Rodrigues, os textos do programa *Os Trapalhões* durante muitos anos, até se mudar para o famoso banco da praça.

Os Adoráveis Trapalhões Zé Menezes (1921-): músico famoso, já tocou ao lado de nomes como Baden Powell e Tom Jobim. É dele a composição da música-tema de *Os Trapalhões*, que marcou o início do programa na TV Globo.

Televisão



Breve introdução ao mundo do humor na TV

Quando é que vou aprender? As respostas para os problemas da vida não estão em uma garrafa de cerveja... Estão na televisão!

Homer Simpson

A televisão brasileira foi uma das primeiras criadas em todo o mundo. Tecnicamente, a quinta, atrás apenas da Inglaterra (1936), dos Estados Unidos

(1939), França (1947) e México (1/9/1950). Alemanha e União Soviética tiveram a TV antes, mas interromperam suas transmissões no período da Segunda Guerra Mundial. Se não fomos o primeiro país na América Latina, fomos na América do Sul, um ano à frente da Argentina (1951).

Lógico que as dificuldades eram incalculáveis no tempo em que Assis Chateaubriand comprou 30 toneladas de equipamentos do mundo todo para montar sua emissora. Montagem, inclusive, feita às escondidas, pois ele queria inaugurar a TV antes de México e Cuba. Perdemos para os mexicanos por apenas 18 dias, mas vencemos sem problemas os cubanos.

A primeira transmissão oficial no Brasil aconteceu em 18 de setembro de 1950. Mas a data que mais nos interessa ocorreu dois dias depois, em 20 de setembro. Naquela quarta-feira, ia ao ar o primeiro programa brasileiro voltado ao humor. *Rancho Alegre* era uma adaptação de um sucesso do rádio, e trazia o comediante Mazzaropi (1912-1981) às telas monocromáticas da época. O programa durou somente alguns anos, mas abriu as portas para o gênero no país.

A TV Tupi, primeira emissora do país, não viveu muito tempo sozinha. Menos de dois meses após sua estréia, a TV Record já estava no ar. Sinal de que a concorrência seria grande. Dez anos

depois, em 1960, já eram vinte emissoras de TV espalhadas pelas principais cidades brasileiras, que transmitiam seus sinais para quase 2 milhões de televisores.

E paramos em 1960 para falar do segundo grande momento na história da televisão brasileira que tem relação direta com o assunto desta obra: em 7 de setembro desse ano, a TV Excelsior, ou, como os mais antigos gostam de dizer, “a Globo da época”, iniciava suas operações. A Excelsior começou forte, e exerceu muita influência em seus dez anos de duração, até o dramático fim, em 1970, quando os gastos superavam, de longe, os lucros.

A emissora, em seu auge, ficou conhecida por inovar no sistema de redes

de televisão. Em meio à programação, vale destacar alguns feitos: foi ela quem produziu a primeira telenovela com capítulos diários (*2-5499, Ocupado*) e, também, a novela com maior duração no Brasil (*Redenção*, de 16 de maio de 1966 a 2 de maio de 1968).

Em um dos estúdios da Vila Guilherme, onde ficava a Excelsior, começaria, no mesmo ano de estréia de *Redenção* (1966), um outro programa que nos interessa muito mais (com todo o respeito aos amantes de novelas).

E foi tudo graças ao *iê-iê-iê*.

Embora o humor na televisão tupiniquim já estivesse indo bem, ele passou a dar muito espaço à crescente

onda da Jovem Guarda, representada pelos artistas que trouxeram um pouco do *rock-n'-roll* – devidamente misturado à hegemônica cultura brasileira –, criado na década anterior nos Estados Unidos e celebrado com os quatro rapazes de Liverpool. E foi, justamente, por um dos nomes mais famosos da Jovem Guarda que os Trapalhões nasceram.

Wanderley Cardoso, ou *o bom rapaz*, como ficou conhecido, fazia parte da turma da Jovem Guarda – além de um movimento cultural, também o nome de um programa. Em 22 de agosto do ano anterior (1965), o programa *Jovem Guarda*, exibido pela Rede Record, começava sua escalada ao sucesso, justamente por dar espaço ao mundo jovem, até então

excluído dos monitores televisivos.

As emissoras rivais buscavam uma forma de combater a alta audiência da Record com a sua jovem guarda – sim, as brigas por audiência já existiam desde aqueles tempos. Assim, a direção da Excelsior negociou a contratação do cantor Wanderley Cardoso, integrante da turma do iê-iê-iê da Record.

Mas qual a relação de Wanderley Cardoso com o grupo humorístico mais famoso do Brasil? Tecnicamente, o cantor pode ser considerado a causa do nascimento de *Os Trapalhões* – mais que isso, ele foi o primeiro *trapalhão*. Mas, antes disso, precisamos falar de como Didi encontrou Dedé. Ou vice-versa?



Dedé e Didi... ou Didi e Dedé?

Na realidade, eu sou fã dos Trapalhões. Às vezes, eu me sinto mais um espectador do que parte dos Trapalhões.

Dedé Santana

Paralelamente, na TV Tupi de Chateaubriand, acontecia outro momento de desfecho para o futuro dos Trapalhões: o encontro entre Didi e Dedé. À época, Renato Aragão havia recém-chegado do Ceará, onde fazia o programa *Vídeo*

Alegre, na TV Ceará, de Fortaleza. Nascido na pequena cidade de Sobral, Renato tinha de conciliar o desejo da família de que se tornasse um advogado com o seu verdadeiro sonho, de fazer cinema – sonho que, aliás, ganhou sua forma inicial quando assistiu ao filme *Aviso aos Navegantes*, de Oscarito, eterno ídolo do humorista.

Renato chegou ao Rio de Janeiro no início da década de 1960, contratado pela TV Tupi da cidade. Chegou “por ouvir falar”, como costuma dizer, já que não havia videoteipes na época para que seu programa fizesse sucesso em outras regiões do Brasil. Sua estréia na Tupi aconteceu com o programa humorístico do momento, *A-E-I-O-Urca*.

Segundo Aragão, havia uma pressão na Tupi para que ele passasse a trabalhar com um parceiro. Renato, porém, queria alguém menos conhecido – lembrando que, até então, ele mesmo ainda não era reconhecido com o *status* de uma celebridade.

Aragão não nasceu Didi. Mas Didi nasceu e se fundiu, como em uma simbiose, com o cidadão nordestino. De lá para cá, embora ele não admita, não se sabe quando Didi é dominante ou dominado. Na verdade, Renato passou de criador a criatura, e assistindo a Didi Mocó Sonrisal Colesterol Novalgina Mofumo (sim, esse é o nome completo do personagem) conquistar o Brasil e marcar

diversas gerações com seus trejeitos, cacoetes e frases de efeito.

Durante um dia de gravação, Arnaud Rodrigues (que já interpretou diversos personagens em *A Praça é Nossa* e escreveu muito para o programa *Os Trapalhões*) e Renato viram o circo de Dedé passando pela cidade.

Arnaud Rodrigues, então, chamou Dedé para trabalhar em TV. Até então, Manfred Sant'Anna, ou Dedé, natural de Niterói (Rio de Janeiro), estava bem em seu circo e nos teatros, onde realizava diversos números, e não pensava em atuar na televisão. Arnaud promoveu o encontro de uma das principais – ou da principal – duplas do humor nacional.

Quando Dedé conheceu Renato e

notou o seu estilo de humor, pensou: “Este rapaz é muito bom. Mas pode melhorar”. Dedé referia-se ao estilo de humor de Renato, que não era próprio do circo. Renato, de fato, nunca negou que seu humor não nasceu no picadeiro.

Por outro lado, Dedé tinha sido, praticamente, criado nas lonas e no chão de terra batida do circo. Entre seus familiares, a lista incluía pessoas que haviam trabalhado com Oscarito — justamente o ídolo de Renato. E a habilidade de Dedé, humorista-escada — ou seja, aquele que prepara a piada para o outro contá-la —, nos picadeiros ajudou muito o próprio Renato, conforme ele lembra. “O Renato era muito bom, mas

precisava aprender alguns truques de circo. Aí, eu pegava aquelas coisas de circo do meu pai. Então, eu ensinava o Renato a cair, fingir que apanhou, bater, fazer movimentos típicos de palhaços. Pagava uma cerveja pro contra-regra colocar um tapete no chão e passávamos algum tempo fazendo isso. Depois de um pouco de treino, o Renato começou a arrebentar.”

O cearense e o cigano de Niterói (Dedé) fizeram uma cena juntos pela primeira vez no programa *A-E-I-O-Urca*. Uma cena humorística que se passaria em um quartel, segundo Renato. O nome do quadro era “Os Legionários”, uma espécie embrionária dos quadros do quartel com os Trapalhões, no futuro. A

cena funcionou, e a dupla estava formada. Ali, Dedé começou a se afirmar como um humorista-escada. E, até hoje, poucos o superaram nessa função.

“O Dedé sempre foi um grande ‘escada’ engraçado, assim como o Roberto Guilherme sempre foi um ‘escada’ engraçado. Isso fica claro, pois, quando estão sozinhos, não são tão engraçados”, explica Emanuel Rodrigues, responsável pelos textos do grupo.

Dedé também assumiu, na dupla, o papel de galã. Papel que levaria, também, até os últimos anos com os Trapalhões.



Indo para a Excelsior

A Excelsior era realmente desorganizada como emissora de televisão, mas ao mesmo tempo era extremamente poderosa e criativa. O seu grande fracasso foi a chegada da ditadura. Ela não foi vencida; foi destruída. Ela tinha o perigoso sentimento de liberdade.

Fernando Barbosa Lima, diretor de jornalismo da TV Excelsior em 1962, em trecho do livro *Gloria in Excelsior*.

O encontro entre Didi e Dedé mostra sinais de uma forte parceria. Parceria que,

inclusive, já parecia predestinada. Ao contrário do que muitos podem pensar, os apelidos de ambos surgiram em momentos distintos, mas pelos mesmos motivos. Dedé ganhou o seu por “culpa” do irmão, Dino Santana, que tinha dificuldades em dizer o nome do comediante – aliás, não o culpamos, já que “Manfried” não é exatamente um dos dez nomes mais comuns no Brasil. Já Renato recebeu o seu apelido ainda na TV Ceará, quando fazia esquetes em um quadro de humor. Os apelidos, que passariam décadas lado a lado, surgiram por serem de fácil pronúncia.

Fazendo sucesso na TV Tupi, a dupla passou a ser cogitada pela Excelsior, que, como explicamos no primeiro capítulo,

buscava fazer frente ao ascendente programa *Jovem Guarda*, na Record. A Excelsior já possuía Wanderley Cardoso, ídolo do rock nacional. Mas era pouco, segundo Wilton Franco, encarregado de dirigir o programa estrelado pelo cantor – um humorístico. Lembrem-se, estávamos em 1966.

Wilton, considerado, hoje, um dos mestres da televisão e especialista em humor, mostrava-se apreensivo com a missão que tinha pela frente: conduzir um programa estrelado pelo ídolo *teen* Wanderley Cardoso. “Achei que uma pessoa sozinha não conseguiria levar um programa de uma hora, nem haveria repertório pra isso. Então, eu pensei em

juntar a ele uma série de outros jovens bem diversificados.”

A preocupação tornava-se ainda maior, já que o cantor, além de não ser um humorista, não possuía experiência com textos decorados em frente às câmeras. Portanto, Wilton foi atrás dos “jovens diversificados”, que menciona acima, para acompanhar o *bom rapaz* na jornada.

Entre os primeiros nomes, surgiu a possibilidade de contar com o comediante Costinha (1923-1995). Porém, vale lembrar que, no meio da década de 1960, a censura brasileira estava com força total, e as piadas, muitas vezes, digamos, erotizadas do inesquecível Costinha poderiam não agradar aos seletos e

rigorosos ouvidos do governo.

Primeira opção: vetada.

Na falta de Costinha, o primeiro nome que veio à mente de Wilton Franco foi de outra grande celebridade da época: Ted Boy Marino. “Ted Boy”, na verdade, é a alcunha de Mário Marino, um lutador nascido na Itália, mas que vivia em Buenos Aires e chegou ao Brasil (ufa!) com 24 anos. Mário era famoso na Argentina como lutador, e foi a mesma fama que o trouxe ao Brasil.

Em 1966, Ted Boy Marino comandava o programa *Telecatch*, também da Excelsior. Na atração, que simulava lutas reais, ficou famoso o gênero da “luta livre” no Brasil – os embates, claro, eram

combinados, mas, mesmo assim, atraíam a audiência como abelhas ao mel. “Sempre tivemos um retorno fantástico”, conta o lutador, nascido originalmente na Calábria, Itália. Até poucos anos atrás, as lutas livres ainda podiam ser vistas em emissoras como Gazeta (São Paulo) e CNT.

O programa comandado por Wilton Franco já contava com duas estrelas, mas sofreria com a falta de experiência de Wanderley em teatro e textos, com o complicado português de Ted Boy. Franco decidiu, então, convocar Ivo José Cury, ou, simplesmente, Ivon Cury (1928-1995). Mineiro (como Mauro, o intérprete de Zacarias), Ivon já era um artista consagrado e talentoso na época em que

foi chamado. “Precisava de um comediante mais maduro, por isso pensei no Ivon Cury”, relembra o ex-diretor. Ivon fazia, na realidade, o papel do humorista-escada e filósofo do grupo. Além de ser mineiro, como Zacarias, havia uma segunda ligação com o trapalhão: Ivon também usava perucas, motivo pelo qual ficou famosa a frase “pelas perucas de Ivon Cury!” .

“*Os Trapalhões* nasceu em função do Wanderley Cardoso, que fazia muito sucesso com suas músicas”, relembra Wilton Franco.

Porém, o elenco ainda sofreria mais adições antes de ir ao ar.



O elenco

Nunca podemos saber quando o sucesso vai acontecer. Se alguém pudesse saber o que vai se tornar sucesso, essa pessoa estaria rica.

Max Nunes, em trecho do livro *Pais da TV*.

Para fechar a seleção, escalada com Wanderley Cardoso, Ted Boy Marino e Ivon Cury, Wilton Franco pensou em trazer alguém novo, que pudesse dar um frescor ao programa. E, mais que isso, alguém que possuísse uma vertente de humor mais explícita e dedicada.

Ora, estamos falando de quem?

“O Renato já fazia sucesso pela [TV] Tupi, mas ainda não era amplamente conhecido. Achei que chamá-lo seria a melhor forma de trazer mais humor ao grupo”, diz Wilton Franco, que justifica a procura: “O Ted Boy Marino era um grande ídolo do *Telecatch*, mas precisava também de alguém que fizesse humor, então, chamei o Renato Aragão e completei o time com um profissional que tivesse mais tranqüilidade, que era o Ivon Cury”, resume.

Tranqüilidade, de fato, necessária. É bom lembrar que, na época, os programas eram exibidos ao vivo, com platéia – afinal, o videoteipe ainda era uma

tecnologia em desenvolvimento. “As gravações aconteciam às terças, no Rio de Janeiro, e às quintas, em São Paulo. Nas duas primeiras vezes, teatro vazio. Já na terceira vez, não conseguíamos entrar, precisamos da ajuda da polícia de tanta gente no auditório”, relembra Wanderley Cardoso.

O ídolo da Jovem Guarda, aliás, também se lembra bem da formação do elenco. Segundo ele, Miguel Gustavo (1922-1972), à época diretor-geral da TV Excelsior, também se lembrou do nome de Renato Aragão. “Esse rapaz vai estourar, é um menino que veio lá do Ceará, e tem muito talento”, dizia o Miguel, nas palavras de Wanderley Cardoso.

Porém, é bom lembrar que estamos falando de algo ocorrido há mais de 40 anos. A memória, que nos trai até quando tentamos nos lembrar de nossa mais recente refeição, pode muito bem ter dado algumas rasteiras nos entrevistados. Culpa do esquecimento ou do tempo, Dedé possui uma terceira versão para a entrada de Renato no elenco desse programa que seria o precursor de *Os Trapalhões*. Segundo o humorista, Wilton Franco foi atrás **dele**, e não de Renato. “Eu falei que só me mudaria para a Excelsior se levasse o Renato comigo”, diz. Ainda, segundo Dedé, a Excelsior negou a dupla contratação, mas, depois, voltou atrás, permitindo que Didi e Dedé

seguissem juntos para o canal.

Divergências à parte, Dedé de fato foi para a Excelsior, e somou-se ao elenco de apoio, junto com outro nome que se tornaria presença constante no mundo dos Trapalhões até o fim: Roberto Guilherme. “Eu fazia a programação da TV Excelsior, quando o Wilton perguntou se seria possível atuar ao lado de Renato Aragão. Ali, começou a escadaria do tempo”, filosofa o famoso Sargento Pincel – que só ganharia esse apelido muitos anos depois (aguarde).

Roberto já havia trabalhado com Renato Aragão e Dedé anteriormente, em *Os Legionários* (também conhecido como *Um, dois, Feijão com Arroz*, aquele mesmo programa que marcou o início da dupla

Didi e Dedé, ainda na Tupi). O quadro, como já falamos, lembrava muito os famosos esquetes de quartel, que dariam origem ao Sargento Pincel. “E, nessa época, eu não fazia o sargento, não; fazia o capitão”, confirma Roberto. Quem fazia o sargento na época era Davi Reis.



“Os Quatro... Alguma Coisa!”

O Ted Boy Marino era sempre o mais aplaudido. Ele era sempre o último a entrar. Entrava, primeiro, o Ivon Cury, depois, o Renato Aragão, eu, e, por último, o Ted. Aquela loucura, a mulherada até se rasgava por ele.

Wanderley Cardoso

Com o aval do diretor-geral da Excelsior, Miguel Gustavo (que, por curiosidade, é o compositor do famoso *jingle* “90 milhões em ação, pra frente

Brasil do meu coração...”), e de Wilton Franco, Renato encarregou-se, também, de escrever o roteiro do novo programa, com o apoio de Emanuel Rodrigues (apoio que, por sinal, durou até o fim de *Os Trapalhões*, em sua formação mais famosa, e seguiu com Renato Aragão em seu programa solo).

Rodrigues, aliás, também teve importância no desenvolvimento dos personagens. Com exceção de Didi, ele foi o responsável pelo estilo dos outros três que dividiriam o palco com Renato no programa da Excelsior. “Fui o responsável pela colocação dos personagens, pelo estilo de cada um. O Ivon Cury, que tinha aquele vozeirão, era o mendigo filósofo, aquele que

equilibrava as ações de todos. O Ted Boy Marino era o herói, que defendia todos na base da briga. O Renato era o ‘gaiato’ e o Wanderley Cardoso era o galã e cantor”, conta.

Elenco escolhido, roteiro pronto, datas agendadas, valores e detalhes em dia. Tudo corria conforme o esperado, mas, antes que o primeiro episódio fosse ao ar, faltava ainda algo fundamental para qualquer show de televisão: o nome do programa. Novamente, o crédito coube a Wilton Franco, que nos relembra como chegou ao nome que passaria para a história da televisão brasileira.

“Para a primeira história que foi escrita, ainda não havia um nome

definido. ‘Os Companheiros’, ‘Os Quatro não sei o quê’, mas eu não estava satisfeito. Eu percebia que os quatro iriam fazer muitas trapalhadas, quatro enrolados”, conta. A primeira história a que Wilton Franco se refere trazia no roteiro uma moça ceguinha que precisava fazer uma cirurgia, e era vizinha justamente dos quatro protagonistas.

No episódio, cada um deles, à sua maneira preferida, tentou arrecadar o dinheiro para a pobre enferma. “O Wanderley foi cantar num aniversário, o Ted foi fazer uma luta pra conseguir dinheiro, o Ivon Cury foi trabalhar como garçom e o Renato ficou como auxiliar dele. Então, eu pensei: ‘Esses quatro trapalhões são muito atrapalhados’.”

Pensa daqui, remói dali, Wilton Franco chegou ao nome *Os Adoráveis Trapalhões* – que, anos mais tarde, viraria somente *Os Trapalhões*.

Vale registrar que Wilton Franco, apesar de ser o legítimo criador do nome, jamais o registrou, ou algo assim. ¹ “Não vivo do passado”, explica.

Quase mudou tudo

Sobre os primeiros episódios, Emanuel Rodrigues se recorda com detalhes de um fato que poderia ter mudado, inclusive, o formato do programa. Isso teria ocorrido, segundo ele, em uma das primeiras gravações com casa cheia, alta diretoria da Excelsior e

tudo, no teatro do Rio de Janeiro.

“O programa estava pronto pra entrar no ar, já que era ao vivo. No último minuto, houve um problema no cenário, que não ficou completo, então, o programa não podia ir como ele era, ou seja, com uma história, uma comédia”. Àquela altura, seria impossível o programa não ir ao ar – audiência e platéias esperava com alta expectativa. “Não tinha jeito, tinha que ir ao ar. Então, o Wilton Franco entrou como uma espécie de ‘âncora’ do show e saiu apresentando cada elemento do programa: Renato Aragão, Wanderley Cardoso, Ted Boy etc.”

Cada um que entrava em cena conversava um pouco com o próprio

diretor e com a platéia. “O Renato fazia uma palhaçada, o Wanderley cantava uma música, e assim por diante”, relembra Rodrigues. Desse modo, o quarteto fez um show de estréia no Rio de Janeiro em outro formato, sem roteiro nem história, apenas com piadas individuais – logicamente, saindo totalmente do esquema original, que incluía uma história com roteiro e textos decorados.

“Quando chegou ao final do programa, foi um sucesso. Auditório lotado, aquele dia de gala... foi sensacional”, diz Emanuel. Depois, fecharam as cortinas, desligaram as câmeras, e fim do espetáculo. Eis que Wilton Franco resolve que aquele

formato tinha saído melhor que a encomenda. “Esse é o esquema que vamos fazer, esse é o esquema, ficou ideal!”, lembra-se Emanuel Rodrigues, reproduzindo as possíveis palavras de Franco.

Foi criada a polêmica. Qual seria o formato definitivo do show? Nos bastidores, estavam presentes a direção da TV Excelsior, Wanderley Cardoso, o empresário de Wanderley, Wilton Franco, Renato Aragão e Emanuel Rodrigues. Na falta de uma decisão comum, o jeito foi apelar para a votação. Quando chegou a vez de Emanuel votar, ele desabafou e expressou sua preocupação: “O esquema tem que ser o original, nós trabalhamos, montamos e ensaiamos, é o certo”. O

redator convenceu o resto da trupe, e *Trapalhões*, naquela época ainda com o adjetivo *Adoráveis*, seguiu no formato de programa que o consagraria.

Wanderley se lembra com detalhes do momento em que Wilton Franco anunciou o nome da atração ao elenco. “O Wilton resolveu na hora [da gravação] do programa, ele disse: ‘Descobri o nome do programa: Adoráveis Trapalhões’. Todo mundo gostou, aprovaram e aplaudiram na hora.”

O cantor também se lembra da dificuldade em decorar os montes de textos (em papéis que ele guarda até hoje) e como Renato ajudava. “Houve muitos erros, o Ted Boy Marino tinha que falar

uma coisa e falava outra...”

“O Renato era o rei do improvisado. Eu tinha muitas dificuldades com o texto, já que não era a minha área. Quando o Renato via que eu estava em dificuldades, ele já completava para mim, até mesmo porque ele ajudava a escrever o roteiro e conhecia bem as falas”, conta Wanderley. Já para Ted Boy Marino, como dissemos anteriormente, a dificuldade começava com o idioma. Italiano e tendo vivido em Buenos Aires, seu *portunholiano* (seria algo assim?) era um show à parte. Apesar de o programa ser dirigido ao Wanderley, quem se destacava muito era o Ted Boy Marino. Logicamente que o sucesso era ainda maior com as mulheres, por causa do porte de lutador de Ted.

Ao longo dos primeiros meses de exibição, ficou bem claro o potencial de sucesso da série. E, também, o dom que Renato, que escrevia os roteiros junto com Emanuel, possuía para o humor. Os episódios quase sempre giravam em torno das canções executadas pelo galã Wanderley Cardoso. Isso, porém, não impedia que algumas coisas dessem errado.

Em primeiro lugar, com a censura. “Devido ao imprevisto e ao calor de ser gravado ao vivo, com platéia, muitas vezes falávamos demais”, revela Wanderley Cardoso. Em um episódio, por exemplo, Ted Boy Marino, com seu sotaque, pergunta a Renato: “*Quien é bocê?*”

”, com um “b” bem carregado. Renato, então, respondeu: “*Quien é boce... ta?*”, arrancando gargalhadas da platéia.² Apesar dos risos, a emissora enfrentava diversos problemas com a censura quando casos como esse ocorriam.

Com a popularidade em alta e o programa dando uma média de 50 pontos de audiência, não restou à concorrência outra solução a não ser desmontar o programa com ofertas tentadoras. E, assim, Ted Boy Marino foi chamado para lutar em outros ringues, na recém-nascida TV Globo. A emoção foi enorme com a saída do lutador. “Fizeram um programa de despedida, mas eu mal conseguia falar

”, conta, emocionado, o lutador, praticamente um “garanhão italiano”, como o Rocky Balboa dos cinemas.

A Trapalhona

Com a saída de Ted Boy, Wilton Franco precisou fazer remodelações na atração que comandava. Devido à popularidade do lutador, era difícil encontrar alguém parecido. O diretor resolveu, então, recorrer a um toque feminino. E, para encontrá-lo, mais uma vez usou o concorrente da Record, com o movimento da Jovem Guarda. “Havia uma jovem cantora que parecia ter muito talento, achei que poderia contar com a presença dela no programa”, conta

Franco.

A cantora a que ele se refere é Vanusa, que então fazia sucesso com *Pra Nunca Mais Chorar*, um *hit* dedicado aos românticos de plantão. Com a mudança, o elenco inicial de *Os Trapalhões* já sofria sua primeira alteração na formação original, apenas alguns anos após a criação.

Vanusa, obviamente, diminuiu a audiência feminina do programa, mas, certamente, atraiu a masculina — a começar pelo próprio elenco. “Cheguei a namorar com a Vanusa e fazer outros programas com ela posteriormente”, conta o cantor *bom rapaz* — bom, também, para a cantora.



1 N.do A.: o que explica o uso do nome no título deste livro.

2 N. do A.: lembrando que, em espanhol, o “v” tem som de “b”.

O primeiro fim

*Os Trapalhões foram os últimos
palhaços da TV.*

Luís Antônio Giron , na *Folha de S.
Paulo*, de 30 de julho de 1994.

Na segunda metade da década de 1960, a Excelsior começava a ver seus problemas com a censura agravados. Pior ainda, afundada em dívidas e impostos atrasados, ela viu, impotente, seus astros pularem para as emissoras rivais. E, como se isso já não fosse o suficiente, dois incêndios nas instalações da emissora tornaram ainda pior uma situação que já

beirava o caos.

Paralelamente, o programa de Wilton Franco começava também a dar sinais de desgaste – ao menos na audiência. Juntando-se os dois lados, não houve outra solução a não ser tirar o programa do ar. O anúncio veio com tristeza para todo o grupo. “Entrou um filme no lugar”, relembra Wanderley Cardoso.

“A Excelsior fechou, e ficou todo mundo ‘na mão’. Eu, o Renato, todo mundo”, conta Dedé. De portas fechadas, cada um buscou sua melhor maneira de garantir o sustento.

A “reestruturação forçada” acabou levando a mais uma formação, desta vez direta, da dupla Dedé/Didi. E, agora, seria na TV Record, nos bancos da

famosa *A Praça da Alegria*, sob o comando do genial Manoel da Nóbrega (1913-1976). Roberto Guilherme, o futuro Sargento Pincel, também foi junto, conforme relembra: “Depois disso, a Record contratou eu e o Renato (o burro vem na frente) para formarmos uma dupla na *Praça da Alegria* com o sr. Manoel da Nóbrega”. Vale lembrar, para os mais jovens, que Manoel da Nóbrega é pai de Carlos Alberto da Nóbrega, apresentador de *A Praça é Nossa*. Carlos Alberto, por sinal, por muitos anos colaborou na redação dos programas protagonizados por Renato Aragão, como veremos.

A dupla inicial de *A Praça da Alegria* foi, na verdade, composta por Renato

Aragão e Roberto Guilherme. A entrada de Dedé ocorreu pouco tempo depois. Carlos Alberto soube que o comediante estava parado e resolveu chamá-lo para a “Praça” também. “Chamei o Dedé, para ele faturar uma graninha”, relembra o apresentador do banco mais famoso da televisão. Instalou-se o humor circense no programa famoso, e o sucesso veio rápido.

Carlos Alberto havia conhecido Renato Aragão ainda nos tempos da TV Excelsior. “Eu achava muito engraçado o Aragão no *Adoráveis Trapalhões*.” Os dois se viram pela primeira vez no aeroporto. O filho de Manoel da Nóbrega já estava na Record. Anos depois, quando a Excelsior chegou ao fim, surgiu a

oportunidade de levar Didi para a praça.

“Em pouco tempo nós éramos a principal atração do programa, que tinha um gênero mais calmo”, segundo Roberto Guilherme. Calmo, certamente. Se levarmos em conta o estilo de humor de Aragão, Dedé e Guilherme, o contraste foi ainda maior. O trio não poupava saltos e piruetas no palco.

Renato Aragão nunca trabalhou em circo, como já vimos. O papel de comediante dos picadeiros coube, então, prioritariamente, a Dedé: “Vim de uma família que fazia desde trapézios e palhaçadas até o ‘globo da morte’”. Quando os dois se juntaram, agiam como artistas de circo nas mesmas condições.

A dupla já tinha em mente ter um programa próprio. Claro, o espaço em *A Praça da Alegria* era bom e dava uma boa audiência e visibilidade, mas ainda era pouco – paralelamente à TV, Didi e Dedé já armavam suas confusões no cinema, em filmes como *A Ilha dos Paqueras* ou *Ali Babá e os 40 Ladrões*.

Devido ao próprio “perfil tranquilo” do programa da praça, conforme Roberto Guilherme nos revelou, não foi difícil imaginar a reação de Dedé quando Paulinho Machado, um dos diretores da Record, chamou os dois, Renato e Dedé, para uma conversa em sua sala. “Estamos ferrados. Ele vai nos mandar embora”, dizia aos colegas o galã trapalhão. Sua

maior preocupação era agradar aos donos da Record.

Dedé não poderia estar mais errado (“aguarde e confie”, como diria Renato...).



Os Insociáveis

Temos que pensar como a televisão pode ser bilateral, tendo no seu espectador não um elemento passivo, que meramente absorve aquilo que ela determina, e sim alguém que a influencia nos caminhos que ela deve pretender ou tentar seguir.

Walter Clark, em trecho do livro *Pais da TV*.

A essa altura, estamos em 1970. A televisão já fazia parte da residência de 27% dos brasileiros. Em setembro, dez anos após sua abertura, a TV Excelsior

fechava definitivamente as portas, enquanto a Globo, criada em 1965, começava a assumir a liderança da audiência em alguns horários.

Na outra grande emissora da época, a Record, Renato e Dedé tiveram uma grata surpresa quando foram chamados pelo diretor Paulo Machado. “Chamei vocês para saber o que estão fazendo em um programa dos outros”, revelou o diretor à dupla. Claro, ele estava se referindo ao programa *A Praça da Alegria*, como vimos.

Começava ali mais um capítulo importante na história da formação de Os *Trapalhões*.

“Quando vi que ele havia gostado do nosso trabalho, olhei para o Renato com cara de surpresa e pensei: ‘Esta é a nossa

chance’.” Machado lhes deu liberdade para protagonizarem um programa próprio, rompendo, assim, as amarras com o banco da praça.

A liberdade, no entanto, não foi total.

Dedé e Renato já tinham o nome para esse programa: *Os Trapalhões*, sem o adjetivo *Adoráveis* dos tempos de Wanderley Cardoso & cia. “Apresentamos ao Machado a idéia do programa receber esse nome, mas, infelizmente, ele tinha outros planos”, relembra Dedé. E, assim, nasceram, na TV Record, **Os Insociáveis**. “*Os Trapalhões* está ultrapassado, é um nome superado e vencido”, teria dito Machado, conforme lembra bem Emanuel

Rodrigues.

“Caraca, que nome horrível. Nem minha mãe vai querer assistir um programa com esse nome” – isso era algo próximo do que Renato e Dedé pensaram quando souberam da decisão.

O nome

Mies Van der Rohe (1886-1969) foi um arquiteto alemão considerado um dos principais nomes da arquitetura de seu país no século XX. Esse alemão – que não tem nada a ver com a evolução de *Os Trapalhões* – foi o autor da profética sentença: “Deus está nos detalhes”. A frase serve como metáfora para incontáveis fatos, valores e discussões.

Transportando-a para o nosso livro, vemos como as pequenas decisões ganham importância. Pequenas, mas que com o passar dos anos podem se tornar de suma importância para a continuidade de algo ou alguém.

No momento em que Wilton Franco, sem muitas pretensões, pensou no nome de seu programa, ainda na TV Excelsior, mal sabia que criava mais do que uma atração televisiva: criava uma alcunha praticamente sem data de validade, quase uma instituição.

Já não temos quadros inéditos do grupo no Brasil desde os especiais dos Trapalhões, em 1995. Porém, mesmo para a nova geração, que não o acompanhou, é natural dizer “os trapalhões” e fazer

menção automaticamente ao grupo. Algo que só acontece com formações do porte de *Os Três Patetas* ou *O Gordo e o Magro*, ícones do humor global.

O Dicionário Aurélio define “trapalhão” como “aquele que se atrapalha facilmente, ou que atrapalha tudo”.

E, se hoje o adjetivo *trapalhão* já nos remete ao grupo, em 1970 não era muito diferente. Segundo Dedé, era comum ele ser chamado pela sua alcunha famosa, quando, na verdade, estrelava um programa com o surreal nome de *Os Insociáveis*. “O pessoal me via na rua e gritava ‘Olha o Dedé, dos *Trapalhões*’”, conta.

Apesar do nome, Renato e Dedé estavam animados com a futura estréia da atração. Porém, havia um desafio maior: com duração de uma hora, eles estavam preocupados com o elenco reduzido. Roberto Guilherme também estava com eles – um dos espaços de *Os Insociáveis* seria dedicado a um quadro chamado “Quartel do Barulho”. Mas ainda era pouco.

Os Trapalhões, então, iriam buscar no cenário musical mais uma contribuição ao grupo. Contribuição fundamental, que arrancaria gargalhadas, mesmo entre seus “colégus”.



Originais do Samba e Mussum

Mussum mudou completamente o estilo original do quarteto. Era o traço da união entre o pessoal da favela e a galera do asfalto.

Emanoel Rodrigues

No filme-documentário *O Mundo Mágico dos Trapalhões*, de 1981, o apresentador Chico Anysio, ao se referir a Mussum, o apresenta assim: “Antonio Carlos Bernardes Gomes. Nome de poeta”. Claro, todos sabemos que o

carioca Mussum não era um poeta por natureza, mas seu talento o tornava tão sensível e habilidoso quanto um.

Quando falamos de *Trapalhões*, mesmo entre as diversas gerações que o acompanharam, a preferência, de forma quase unânime, sobre quem era o mais engraçado vai mesmo para o carioca “Caco” – apelido dado pela sobrinha de sua esposa (segundo ela, Mussum era parecido com Caco, o Sapo, da série infantil *The Muppets*).

Muito antes de ser Caco, porém, Carlos era o famoso Carlinhos, ou Mumu da Mangueira. O apelido Mussum, aliás, veio de outro gênio, Grande Otelo (1915-1993). “Aquele nome não parecia de ‘crioulo’”, dizia o ator, que devia estar

certo, já que o sambista nunca mais perdeu o apelido, que, assim como no caso de Dedé, tornou-se parte integrante de sua biografia. Mussum apoderou-se de Antonio Carlos e nunca mais saiu de lá.

A forma como Mussum entrou para *Os Insociáveis* (ainda estamos nessa fase) também mostra divergências conforme os depoimentos que recolhemos. Segundo Dedé, ele foi o responsável por sugerir o nome a Aragão e convidar o sambista, que, à época, fazia parte do conjunto musical *Os Originais do Samba* – que está, aliás, até hoje na ativa.

Dedé afirma ter se baseado em um motivo especial para a vinda de Mussum ao grupo. “Toda série norte-americana

possui um negro no elenco. E toda série americana com um negro faz sucesso. Temos que colocar um”, teria dito ele ao comediante líder do grupo. Renato, então, teria cogitado a presença de Tião Macalé (1926-1993), que fez muito sucesso em programas como *Balança, mas não cai* e faria parte, posteriormente, do elenco de apoio de *Os Trapalhões* – Renato, inclusive, sempre afirmou que Tião Macalé é um “trapalhão adotivo”.

Quando perguntado sobre a possibilidade de ter Macalé no elenco, Dedé foi contra, em especial por causa das dificuldades que o ator tinha em decorar textos – curiosamente, essa mesma dificuldade o tornou tão popular e engraçado.

Dedé era amigo íntimo de Mussum. E então, respondeu ao colega: “Eu tenho o Mussum”. “Que Mussum?”, teria indagado Renato. Dedé, então, explicou que Mussum já havia feito “algumas pontas” com Chico Anysio, e tocava em um conjunto musical. E garantiu que ele seria o terceiro trapalhão ideal. “O Mussum vivia lá em casa, eu ia muito aos shows deles, e era sempre ele quem abria o show, falando daquele jeito *sossegádis, tranqüílis*”, relembra Dedé, imitando o modo único de falar do cantor.

Curiosamente, porém, Renato Aragão afirmou justamente o contrário, durante entrevista para o especial “Trapalhão Forévis”, da revista *Superinteressante*.

Segundo o que contou, a sugestão da entrada de Mussum teria partido dele. Dedé fez o convite, mas apenas depois de Aragão ter recomendado. Aragão ainda acrescenta que Dedé foi contra a vontade do colega, mas chamou o sambista.

Indo além de boatos ou esquecimentos, o que sempre pareceu – sem sombra de dúvidas – ser muito franca foi a amizade entre Dedé e Mussum, confirmada por Paula, a filha mais velha do humorista da Mangueira: “O meu pai possuía um carinho muito grande pelo Dedé. Eles se falavam pelo telefone de madrugada, de fim de semana, sempre”. Já com respeito à relação de Mussum e Renato, Paula diz que “os dois eram bons amigos, mas, às vezes, se viam

como colegas de trabalho”.

A entrada de Mussum para *Os Insociáveis* aconteceu no ano de 1970. Renato, que escrevia parte dos roteiros do programa, foi precavido com a possível timidez de Mussum em sua estréia: “O Renato foi muito inteligente. No primeiro programa, o Mussum só entrava, dava uma piadinha e saía, e o Renato fez pra testar mesmo. Mas não adiantou, no terceiro programa, ele [Mussum] já tomou conta. Entrou meio tímido no primeiro, no segundo, mas no terceiro ele era o Mussum que eu conhecia”, revela Dedé.

Que Dedé e, em pouco tempo, o Brasil inteiro conheceria. Adriano Stuart, que trabalhou por muitos anos com os

Trapalhões na TV e no cinema, conta que, certa vez, a TV Globo realizou uma pesquisa para o público eleger o humorista mais engraçado da televisão brasileira. “Deu Mussum em 1º, Costinha em 2º, Chico Anysio em 3º e Renato Aragão em 4º”, conta Stuart.

De fato, Mussum possuía uma espontaneidade que sempre lhe foi peculiar. Sua maneira de falar, de brincar (e até de beber) encantou platéias infantis e adultas, seja na TV ou no palco.

Sobre a bebida, aliás, Paula foi enfática ao afirmar que Mussum era uma pessoa muito sóbria e reservada dentro de casa: “Jamais o vi bebendo mais do que qualquer indivíduo bebe em eventos sociais”. Segundo ela, o público tinha

uma falsa impressão de que seu pai era um alcoólatra inveterado.

“Aquilo era muito de interpretação”, conta.

Com um elenco formado por Renato Aragão, Dedé Santana, Mussum e Roberto Guilherme, *Os Insociáveis* incomodava freqüentemente a concorrência. Era exibido às 20 horas no domingo, horário que já rivalizava com o *Fantástico*, da Globo. Então, surgiu a oportunidade de atuar na TV Tupi do Rio. Vale lembrar que, em uma época na qual as redes nacionais de televisão não existiam, ou, ainda, eram apenas montadas, muitas emissoras de mesmo nome competiam entre si. Era o caso da

própria Tupi, por exemplo, que considerava as emissoras de São Paulo e Rio como ferrenhas rivais.

O caminho rumo ao nome definitivo do grupo estava próximo...



Finalmente, Os Trapalhões

*Quem não sorri não abre as portas da
oportunidade.*

Renato Aragão em trecho de seu
livro *Meus Caminhos*.

São vários os exemplos de quartetos que deram certo ao longo da história. Sejam eles na música (Beatles), nos quadrinhos (Quarteto Fantástico) ou, até, no mundo dos desenhos animados, com as famosas Tartarugas Ninja. Quatro parece ser um número fadado a boas

criações. No caso do assunto tratado neste livro, como veremos, a escolha de quatro trapalhões veio com a lembrança dos naipes de um baralho: ás, espada, copas e ouro.

Em 1973, deu-se início a um processo gradual de mudança, que se tornaria definitiva, da Record, de São Paulo, para a Tupi, do Rio de Janeiro – por um tempo, o grupo chegou a atuar em duas emissoras distintas. Apesar de, naqueles tempos, ser uma prática comum atuar em mais de uma emissora, a presença do mesmo grupo – como dissemos –, com outro nome, na Record, começou a incomodar a Tupi do Rio.

E, se o elenco dos Trapalhões ainda não estava completo, algo, pelo menos, já

mudava. Com a apresentação exclusiva na Tupi, o nome do programa passava a ser outro novamente. Em 1973, após três anos de Record e *Insociáveis*, eles voltavam a se socializar, adotando o nome que sempre deveriam ter usado: **Os Trapalhões** – desta vez, sem o adjetivo *adoráveis*.

Não demorou muito para que *Os Trapalhões* passasse a ser exibido também na TV Tupi de São Paulo. “O sucesso foi estrondoso”, segundo Dedé. Roberto Guilherme também se lembra: “Esse programa dava uma paulada na audiência das outras emissoras, a gente batia em todo mundo, inclusive na TV Globo, que, na época, havia sido criada com o elenco-

base da TV Excelsior”.

Nesse período, teve início a parceria, mais uma vez, de Carlos Alberto da Nóbrega com os Trapalhães. O apresentador estreitou os relacionamentos, porém, ocupando, agora, um posto no time de redatores do programa. Nóbrega, como conta, estreou no segundo programa quando já ia ao ar somente pela Tupi: “Os Trapalhães fizeram o primeiro programa na Tupi, e aí o Renato me ligou perguntando se eu podia escrever pra eles”. O seu trabalho ao lado dos Trapalhães iria até 1987, quando se mudou para o SBT.

Se até a época da Record ainda havia o problema com o nome do grupo, desta vez não havia mais o que os impedisse.

Agora, como *Os Trapalhões*, o quarteto dava índices de audiência que ultrapassavam os 50 pontos. E, a cada domingo, sugava mais a audiência do *Fantástico*, da Globo.

A emissora do Jardim Botânico começou, então, a sondar a possibilidade de contar com *Os Trapalhões* em seu elenco, pela primeira vez. O ano era 1976. Cada vez mais, a TV Globo tornava-se a Rede Globo que conhecemos. Seus programas já eram exportados para alguns países da América Latina. O canal conquistava afiliadas nos quatro cantos do país.

Porém, o grupo não escondia uma certa apreensão com a ida para a Globo.

De um lado, a mudança era bem-vinda do ponto de vista financeiro – àquela altura, a TV Tupi estava em seus últimos anos de vida (ela acabaria oficialmente em 1980), com muitos salários atrasados e, até, ameaças de greve. Grande parte da renda do elenco de *Os Trapalhões* acabava mesmo vindo de uma série de *merchandisings*, que garantiam uma verba a mais. Marcas como Hering, Marisol e Biotônico Fontoura eram presenças constantes durante os episódios.

Do outro lado, o maior medo é traduzido pelas palavras de Roberto Guilherme: “A Globo tinha aquela coisa do ‘padrão de qualidade’. Quando incomodava, ela contratava, mas nem sempre ia ao ar”, revela. Ou seja, o elenco

tinha receio de que a Globo os contratasse apenas para enfraquecer a concorrência, mas sem uma garantia de que iriam ao ar.

A lente da verdade

Carlos Alberto da Nóbrega relembra o fato que, segundo ele, determinou o desejo de Renato Aragão de se mudar, definitivamente, de casa.

E foi por causa da lente de uma câmera.

“Seria cômico se não fosse trágico”, diz o apresentador.

Nóbrega era o diretor da linha de shows da TV Tupi. As câmeras usadas na época, em quase todas as emissoras,

possuíam uma lente removível. Ou seja, devido ao alto custo, era corriqueiro usar lentes em um determinado estúdio, e, quando a gravação terminava, a lente migrava para outro cenário. Levando-se em conta a situação financeira da Tupi – à época, em frangalhos –, a lente era mais do que revezada entre os programas.

Os Trapalhões gravavam normalmente, até que, sem qualquer pedido ou aviso prévio, durante uma breve pausa entre um esquete e outro, o diretor do núcleo de novelas da Tupi apareceu por lá e levou a lente que era usada para gravar *Os Trapalhões*. Carregou-a consigo para o seu núcleo, assim, sem mais nem menos.

Quando Renato viu que a lente não

estava mais lá e descobriu a razão, parou tudo. “Eu vou embora e nunca mais volto pra trabalhar aqui!”, teria dito o cearense, nas palavras de Carlos Alberto. Renato foi ao Rio de Janeiro conversar com a Globo e, no dia seguinte, ligou para o redator. Eis o diálogo:

– *Carlinhos, você vem pro Rio porque hoje à noite você assina contrato com a Globo.*

– *Como assim, Renato, você ficou louco? Eu sou diretor da Tupi...*

– *Vem hoje à noite e assina o contrato com o Boni.*

As palavras foram rápidas, e ele acabou realmente assinando com a Globo. Os dois acabaram por ser os únicos a assinar com a emissora carioca

ainda em setembro. Em janeiro de 1977, os demais membros da equipe – inclusive os outros Trapalhães – fariam o mesmo.

Sobre o contrato com a Globo, feito totalmente em sigilo, Dedé ressalta a importância de Renato como líder do grupo.

“Nunca olhei muito pra esses detalhes. O Renato cuidava muito bem dessas negociações”, diz.

Mas Renato não estava sozinho nessa tarefa. Ao lado dele, um vaqueiro de branco, como em um bom *western* tupiniquim, o ajudava na missão.



Beto Carreeero!

A televisão é um meio de entretenimento que permite a milhões ouvirem a mesma piada ao mesmo tempo e ainda assim continuarem sozinhos.

T. S. Elliot, 1963

(Parênteses)

Antes de contar como se dava o envolvimento de Beto Carrero nas negociações dos Trapalhões e na ida para a Globo, é necessário abrir um parêntese para relembrar como se deu o primeiro encontro entre um trapalhão e o empresário-caubói, dono de parque.

O primeiro Trapalhão a conhecer Beto Carrero não foi Renato Aragão, mas Dedé Santana. Durante a infância pobre vivida em Ribeirão Preto (interior de São Paulo), o jovem João Batista Sérgio Murad (nome verdadeiro de Beto Carrero) sonhava em se tornar o “zorro brasileiro”. Além disso, alimentava uma grande paixão por shows, eventos e exposições – em especial, as de circo.

Um dia, o destino ou, simplesmente, o acaso – conforme a opinião de cada um – colocou o circo, em que a família de Dedé Santana atuava, em frente à casa de Beto Carreto. Porém, ao contrário do que muitos podem pensar, o circo não era algo de que se pudesse dizer “minha

nossa, mas que circo imponente!”. Era uma atração modesta, em que muito sacrifício se misturava às risadas e ao suspense dos trapézios e truques apresentados.

Dedé e Beto Carrero se conheceram e, conversa vai, conversa vem, a família do comediante galã mudou-se, de mala e cuia, para a casa de Beto Carrero. Hoje, os dois se lembram dessa fase com muitas risadas. “Era para eles ficarem uma semana, depois duas, três... Quando vimos, já tinham se mudado de vez”, relembra Beto Carrero. A companhia, no entanto, era muito bem-vinda. As famílias se tornaram amigas. “Pedimos um lugar pra dormir; outro dia, pedimos luz; quando vimos, estávamos pedindo

comida emprestada”, conta Dedé. **(Fim dos parênteses)**

Adiantando novamente a fita – ou já seria um DVD? – do tempo, voltamos ao ano de 1976, quando Beto Carreiro e Dedé Santana, agora adultos, eram parte de um sigiloso plano da Rede Globo de levar *Os Trapalhões* para a emissora de Roberto Marinho.

Beto Carrero era um dos grandes protagonistas, ao lado de Renato Aragão, nas negociações com a Globo. De acordo com Beto Carrero, no período máximo de um ano, a Globo deveria, obrigatoriamente, colocá-los no ar. E mais: no caso de não estrelarem programa algum até lá, deveriam receber

normalmente – nada mais justo, já que seriam funcionários da Globo.

“Eu falei pro Renato pra fazermos um contrato em que nós tivéssemos as mesmas vantagens que tínhamos na Tupi, que eram os *merchandisings*, salários maiores, e que o programa tinha que entrar no ar no prazo de seis meses ou um ano, no máximo”, conta o empresário sertanejo. A negociação foi com o lendário José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, ou, como é mais conhecido, Boni.

Tanto Boni quanto a Globo foram muito corretos, já que, apesar de o programa realmente não ter ido ao ar no primeiro momento, cada pessoa no elenco recebeu seu pagamento em dia.

O elenco, porém, não foi inteiro para a Globo. Roberto Guilherme, que também atuava na direção de programação da Tupi, acabou ficando por lá, abandonando, assim, o elenco de *Os Trapalhões*. Com o desfalque, o elenco fixo voltava a ser de três pessoas. Até que Renato fez uma sugestão...



Moranguinho, o Zacarias

Ele gostava de fazer teatro, pegava lençol pra fazer a cortina e chamava os vizinhos. Desde pequenininho já gostava de contar piadas, imitava todo mundo, sempre fazendo coisas engraçadas.

Vilma Gonçalves, irmã de Zacarias,
sobre o irmão na infância.

O anúncio da saída de Roberto Guilherme, que ficaria na TV Tupi, foi o pretexto para a formação final, e mais famosa, dos Trapalhões.

Nascido em Sete Lagoas (interior de

Minas Gerais), Mauro Faccio Gonçalves era do tipo que agradava a todos. O humorista Castrinho, por exemplo, se lembra da época em que o ator o ajudou nos tempos em que a TV Tupi havia falido, conforme declarou na edição do *Jornal do Brasil* de 19 de março de 1990: “Eu e um grupo de amigos ficamos desempregados, sem ter onde morar. O Mauro nos levou para seu apartamento e formamos uma república. Meu guarda-roupa era o carro, porque não cabia mais nada dentro de casa. Ele era o nosso conselheiro”.

Maurinho, como era conhecido, passou pelo rádio, em Minas mesmo, onde se especializou em fazer vozes, e abandonou a faculdade de arquitetura

ainda no primeiro ano. Decidiu que seria humorista, e seu caminho o levou, naturalmente, à televisão. Em 1963, chegou ao Rio para fazer parte do elenco da TV Excelsior e, na década seguinte, após passagens pela Record e – também ele – pela *Praça da Alegria*, fazia sucesso no programa *Café sem Concerto*, já na Tupi. Foi ali que chamou a atenção de Renato Aragão.

No quadro em questão, Mauro interpretava um garçom, inspirado em um vendedor de frutas de sua cidade natal. O sucesso foi tanto que Aragão cogitou com Dedé o convite para levá-lo para *Os Trapalhões*.

“O Renato me ligou e disse: achei o

cara! ”, relembra Dedé. Renato explicou de quem se tratava, e então Mauro foi convocado para um teste. Eis aqui um momento do qual Dedé se lembra com detalhes. Por isso, apresentaremos todo o conteúdo do depoimento:

“Aí o Renato chega [no dia do teste] com o Zacarias. O cara chega de terno e gravata, careca e uma cara séria? Eu chamei o Renato e disse: ‘Cara, esse aí não é comediante, tá mais pra gerente de banco’. ‘Não, Dedé, o cara é bom pra caramba’, disse o Renato. Eu só acreditaria vendo, porque não tinha pinta de humorista. Aí o cara começou a ensaiar... Rapaz, eu chorava de rir com ele, e aí, quando ele deu a risadinha, eu caí da cadeira de tanto rir”.

O nome “Zacarias” veio pouco tempo depois. E foi dado por Renato Aragão. Mauro contava uma história de um galo que possuía na infância, e levava o mesmo nome. Foi o suficiente para que ele se tornasse o próprio Zacarias. No começo, porém, não gostou muito. Mas, como dizem por aí, apelido só “pega” mesmo quando o “homenageado” não gosta. “Protestei muito, mas o apelido colou de forma tão forte que já não adiantava chiar”, costumava dizer Mauro. ³



3 N. do A.: há divergências sobre o ano oficial de entrada de Zacarias para o elenco. Alguns jornais e revistas apontam o ano de 1974, enquanto outros, 1976. Roberto Guilherme, em sua entrevista, foi enfático ao declarar que Mauro entrou para o elenco após a mudança do grupo da Tupi para a Globo. Este livro adota, portanto, o ano de **1976** como o da entrada de Mauro, ou Zacarias, para o elenco de *Os Trapalhões*.

A música-tema dos Trapalhões

Ganhei na loteria, dei sorte.

Zé Menezes, autor da música-tema dos Trapalhões.

Quando a Globo já havia tomado como certa a ida dos Trapalhões para a emissora, muito começou a se comentar sobre qual seria o formato do programa. Claro, a essência deveria ser mantida, mas o diretor encarregado dos programas inaugurais, Augusto César Vanucci, queria mostrar ao público que o quarteto estava em uma nova casa (como veremos com mais detalhes no capítulo seguinte).

Antes de pensar no programa em si, a maior preocupação ainda era com relação a detalhes como a abertura ou a música-tema. Pensando na mudança, Vanucci conversou com Boni e propôs uma mudança. Até então, as vinhetas musicais do grupo não possuíam uma característica própria, e normalmente mudavam conforme a emissora.

É importante ressaltar que, naqueles tempos, a abertura musical de um programa possuía, se não uma importância maior que hoje, ao menos muito mais empenho por parte dos envolvidos. No caso da Globo, havia uma grande orquestra que desenvolvia aberturas e temas para os mais diversos

programas, desde novelas e programas humorísticos até vinhetas alusivas à própria Globo. A inexistência de tecnologia e computadores tornava o trabalho muito mais, digamos, artesanal e, portanto, mais autêntico.

Para decidir, então, qual seria a nova música dos Trapalhões, Vanucci recorreu ao que de melhor havia na casa. Cerca de 14 maestros contratados pela emissora foram convocados para criar e compor, individualmente, uma música que passaria a ser a nova “cara” dos Trapalhões na Globo. A missão não era fácil, e passaria pelo crivo de ninguém menos que o próprio Boni. Além dele, é bom ressaltar que Vanucci, por sinal, também era conhecido por seu perfeccionismo – o

que explica, aliás, a grande expectativa que ele tinha com o impacto inicial dos Trapalhões, sob seu comando, na Globo. Segundo Vanucci, deveria ser uma música chamativa, algo engraçado e agitado, porém, com qualidade. Algo “para acordar”, costumava dizer.

Paralelamente aos grandes maestros que produziriam as músicas para essa espécie de “concurso musical”, havia um nome a mais: José Menezes de França, mais conhecido simplesmente como Zé Menezes.

Músico nascido no ano de 1921, em Juazeiro, no Ceará, Zé Menezes já tinha um nome relativamente conhecido quando ingressou, no início dos anos

1970, para o time da Rede Globo. À época, ele deixou para trás viagens, shows e compromissos musicais no exterior para ser o guitarrista principal da orquestra da Rede Globo.

Como ele possuía um bom relacionamento com Vanucci, o diretor decidiu convocá-lo para a missão. Os *Trapalhões* estrearia na Globo em poucos meses, e tudo estava sendo bem planejado. “Decidi correr por fora e compor a minha versão para a abertura do programa”, relembra Zé Menezes que, perto dos 90 anos, diz possuir a “idade espiritual” de 25.

Tantos anos depois, Menezes não se lembra mais do exato momento em que criou os acordes que se tornariam uma

associação auditiva natural a um dos programas humorísticos brasileiros mais famosos do século XX. “Compor não é um trabalho automático. Não adianta você simplesmente chegar em casa e pensar ‘hoje eu vou criar uma música desse ou daquele jeito’”, explica o artista.

Perdoamos o esquecimento de Menezes quanto a esse detalhe, mas o que ele lembra muito bem é que a sua melodia foi escolhida por Boni. E, de quebra, ele ainda foi promovido, ingressando para a lista de maestros da emissora. “Corri por fora e acabei dando sorte”, relembra.

A canção de Zé Menezes permaneceu como a abertura dos Trapalhões até o fim do programa, e, mesmo durante eventuais

reprises, ela ainda é usada. A Globo sempre pagou os direitos autorais do artista, que não se queixa, especialmente quando o programa teve reprises diárias, como aconteceu no meio dos anos 1990. “Naquela época, chegava a ganhar 12 a 15 mil reais por trimestre”, conta.

Apesar do enorme sucesso da música, Menezes destaca que, até hoje, ele jamais recebeu um gesto de agradecimento do conterrâneo Renato Aragão – ao contrário de Mussum, que, segundo ele, sempre o elogiava.

Mágoas? “Não tenho. Fiz um trabalho, e acho que ficou bem-feito”, diz Zé Menezes que, em seu próximo show, como sempre, fará o encerramento com a canção-tema do quarteto.

“Não tem jeito, o público sempre pede”, relata o animado músico.



Estréia na Globo

*O homem cria, Deus abençoa e o
sucesso nasce.*

Renato Aragão em trecho do livro
Meus Caminhos.

Entre 1966 e 1977, os Trapalhões passaram por três emissoras, com três nomes distintos e várias formações e diretores diferentes. Nesses 11 anos, o grupo também já havia sedimentado sua participação no cinema nacional, com 12 filmes. Após muitas mudanças de casa, trocas de instalação e elencos, chegaria finalmente a fase áurea do grupo. A partir de 1977, eles não mais mudariam de

emissora, seguindo com a Globo até 1995.

Os Trapalhões era exibido na Globo sempre no domingo, às 19 horas. Horário que, certamente, já remete à geração mais jovem, que ainda teve tempo de acompanhar o programa, já na década de 1990.

O programa continha textos de Augusto César Vanucci, Carlos Alberto da Nóbrega, Adriano Stuart e Mário Wilson, além do próprio Renato e de Dedé Santana, que, segundo diz, “dava alguns palpites aqui e ali”. Adriano Stuart, que entrou convidado por Boni, em pouco tempo passaria a dirigir o programa.

Bozo

Os mais atentos à evolução da obra talvez tenham notado, no parágrafo anterior, a ausência de Emanuel Rodrigues, o fiel companheiro que escrevia o texto dos Trapalhões desde os tempos da Excelsior, no grupo de redatores. E a razão foi uma briga com Renato Aragão, ainda na Tupi. “Foi uma coisa boba. O Renato reclamou de um quadro, e eu peguei o *script* e rasguei na cara dele, dizendo que não faria mais nada daquilo. Depois, fizemos as pazes”, relembra Rodrigues.

Mas, até que isso acontecesse, Emanuel mudou-se de casa. Ele foi convidado por Silvio Santos para escrever

os textos de um novo programa que chegava, baseado em um famoso palhaço norte-americano: o Bozo. Àquela época, Silvio ainda almejava sua própria emissora de televisão – em 1981, ele abriria a TVS –, e comprou o programa do Bozo apenas para a TVS e a Record do Rio. Emanuel escreveu por alguns anos o texto da atração liderada pelo palhaço, até, no início dos anos 1980, se mudar definitivamente para os Trapalhões.

Mas como nosso livro não é sobre o Bozo, e sim sobre os Trapalhões, voltemos ao quarteto, que estava prestes a estreiar na Globo. O ano era 1977.

Antes de fazer parte da programação fixa, os Trapalhões passariam por dois

programas especiais, provavelmente, para avaliar a receptividade do público quanto à mudança de emissora. Com a direção, como mencionamos anteriormente, de Augusto César Vanucci.

Os Trapalhões – Especial foi ao ar no dia 7 de janeiro de 1977, para os quase 15 milhões de televisores que já havia no país. Teve uma segunda exibição em fevereiro do mesmo ano. Adriano Stuart conta que a estréia não foi exatamente das melhores. “O programa começou de uma maneira absolutamente errada. Colocaram *smoking* neles, cenários estilizados, humor de cortina, e eu falei que eles não sabiam fazer isso. Fizeram dois especiais em janeiro e fevereiro de 1977 que não foram

bem, e em março começou o programa semanal”, relembra.

Emanoel Rodrigues também se lembra dessa estréia, mesmo sem estar com a equipe na época. “Eles começaram de forma muito artificial. O Vanucci era um bom diretor, mas não era apropriado para aquele estilo”, diz. O profissional, então, passou o bastão para Adriano Stuart, logo no início do programa fixo, já em março. Assim, no dia 13 daquele mês (obviamente, um domingo), ia pela primeira vez ao ar, de forma fixa, um programa dos Trapalhões na Globo. E já começou com mudanças.

“Tirei aquele *smoking*, cortinas, e deixei um cenário muito mais realista. Chequei com o Boni se podia fazer tudo

aquilo, ele me deu liberdade total”, segundo Stuart.

Boni, de acordo com Emanuel Rodrigues, relutou para aceitar o quarteto na Globo. “Foi somente com as sucessivas derrotas do *Fantástico* que ele reconsiderou”, diz Emanuel.

Adriano Stuart expandiu o relacionamento com o grupo, e passou também a trabalhar ao lado do quarteto nos cinemas. Ele foi o diretor de *Trapalhões na Guerra dos Planetas*, o primeiro filme com a formação final completa, de 1978; e ainda dirigiria os quatro filmes seguintes do grupo.

Foram tempos de glória para Os *Trapalhões*, em ambas as plataformas. “O

programa não tinha concorrência, e a audiência era muito alta”, diz Stuart. No cinema, ficava claro, também, como a mudança para uma emissora maior rendia saborosos frutos. Em julho de 1977, apenas alguns meses após a estréia na Globo, o filme *O Trapalhão nas Minas do Rei Salomão* conquistou a maior bilheteria da história do quarteto, com incríveis 5.786.226 espectadores.

Apesar do sucesso, o início na Globo foi tímido. O grupo ainda se sentia um tanto quanto desconfortável com algumas “regras” da Globo. Para quebrar um pouco o gelo, surgiu, nessa época, algo que se tornaria praxe em diversas cenas dos Trapalhões: Renato fazendo pouco do cenário da Globo. “O Renato pegava

os objetos cenográficos e mostrava ao público, gritando ‘olha, é de mentira!’”, relembra Stuart. Renato costumava brincar com o famoso “padrão Globo de qualidade”, quebrando telefones de isopor e revelando falsas estantes de livros.

Outra tradição que teve início naqueles tempos foram as sátiras de músicas famosas, que, anos depois, se tornaram febre em *sites* de vídeos como o *You Tube*. “Quando a Som Livre comprou a RBS, o Boni nos mandou um comunicado dizendo que poderíamos escalar atores.” A brincadeira ganhou corpo a partir do anúncio. Antes disso, porém, os Trapalhões já haviam

satirizado diversos atores, inclusive Roberto Carlos.

Paralelamente, o quarteto começou a estampar seus rostos em outros ares. Resultado de um tino comercial, especialmente, de Beto Carrero e Renato Aragão. Alguém aqui já leu um gibi dos Trapalhões?

É hora de mais um parêntese.



Merchandising

*A família é o termômetro da audiência
do Brasil.*

Roberto Guilherme

De todos os produtos estrelados pelos Trapalhães – e isso incluía lancheiras, estojos e jogos –, os mais bem-sucedidos certamente foram os gibis. Assim como o grupo na vida real, os quadrinhos deles passaram por várias fases distintas também. Foram criados e roteirizados por pessoas diferentes e também passaram por mais de uma “casa”.

A fase mais famosa dos Trapalhães

em HQs aconteceu, mesmo, na época da entrada na Globo. O contrato foi feito com a Editora Bloch, parte da antiga TV Manchete (para os mais jovens, vale informar que a Manchete ocupou o canal 9, da Excelsior, e, mais tarde, saiu para dar lugar à Rede TV!).

Adultos

Esse primeiro momento dos Trapalhões em quadrinhos retratava o grupo como adultos mesmo. Os gibis tinham um estilo muito peculiar de arte, que não poupava as características físicas de cada Trapalhão, satirizando todos eles de uma forma brilhante. Comandados por Ely Barbosa, que tinha um estúdio que

carregava seu nome, desenhistas como Carlos Cárcamo, Eduardo Vetillo e Waldir Odorisso se encarregavam de dar os traços ao quarteto. O roteiro ficava por conta do próprio Ely.

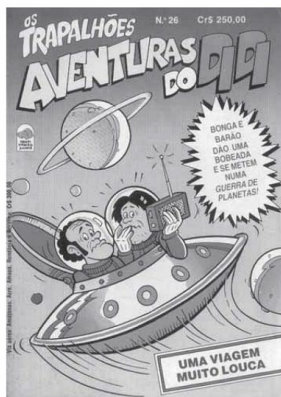
O gibi durou até cerca de 1987. A Bloch ainda chegou a lançar o gibi *As Aventuras do Didi*, em que Renato era o protagonista – por pouco tempo, já que os outros três ingressaram nas aventuras tempos depois. No período áureo, no início da década de 1980, os gibis possuíam uma tiragem média de 3,1 milhões de exemplares.

Chegou, também, a circular pelas bancas nesse período a revista *Super Trapalhões*, em formato americano (maior), que trazia passatempos, atividades e

quadrinhos. Nas histórias, o quarteto atrapalhado, na maioria das vezes, enfrenta situações do cotidiano ou satiriza filmes e novelas.



*Gibis: cartaz de divulgação e
reprodução de capa.*



Crianças

Em 1988, chegou a revista *Os Trapalhões*, agora pela Editora Abril. Porém, com muitas mudanças, já que o grupo decidiu “rejuvenescer” o elenco. Os Trapalhões eram crianças nesse gibi. Dirigido a um público mais infantil, perdeu-se o estilo grosseiro da primeira fase, e agora os quatro integrantes mais pareciam crianças estereotipadas como “arteiras”, mas impecáveis.

Talvez justamente por causa da “limpeza” proporcionada ao grupo, o gibi fez sucesso. E, assim, abriu as portas para *As Aventuras dos Trapalhões*, uma revista que, mais uma vez, parodiava novelas, filmes e desenhos famosos. Nasceram

personagens como “Traparugas Ninjas” (*Tartarugas Ninjas*), “Didicop” (*Robocop*) e “Didi Krueger”, alusivo ao famoso vilão das incontáveis seqüências de *A Hora do Pesadelo*.

Mais uma revista veio, na esteira de sucessos comerciais do elenco: *Graphic Trapa – Didi Volta para o Futuro*, com traços mais elaborados e acabamento digno de grandes títulos.

Pouco após a morte de Zacarias, no início de 1990, o motor foi perdendo sua força, mas ainda havia fôlego para novos títulos, acredite. Em 1996, já sem Mussum, *Os Trapalhões – As Aventuras de Didi* trazia Didi, Dedé e o Sargento Pincel (Roberto Guilherme). A revista, lançada pela decadente Bloch, durou

ínfimos dois números.

Por fim, muitos anos depois, em 2002, foi a vez de Renato Aragão criar sua fase solo também nos quadrinhos. *As Aventuras do Didizinho* trazia mais uma vez o personagem como criança, além de alguns dos personagens de Renato – Ananias, Sabe-Tudo, Sonacaxa, entre outros. A revista saiu de circulação em 2004. (Fim dos parênteses)



O ápice na TV Globo (e no cinema)

Na linha de show, era a maior audiência, com certeza. Pode ser que perdesse eventualmente para o Jornal Nacional ou para a novela das oito.

Adriano Stuart, sobre o sucesso de
Os Trapalhões.

Nas aulas de marketing e publicidade, é comum os professores falarem sobre o ciclo de vida de um produto. Giz à mão, eles costumam desenhar gráficos, matrizes e o que mais for necessário para explicar, em poucas palavras, o ciclo: introdução, crescimento, maturidade e

declínio.

A explicação anterior é usada, como dito, com produtos. Pois bem, quando falamos de *Trapalhões*, como mostramos no capítulo 14, também estamos falando de um produto. Pois, é nessa fase, do início na Globo até o meio da década de 1980, que os *Trapalhões* viveram o *amadurecimento* – também podemos chamá-la de ápice, coroação, consagração ou sinônimos.

Com a formação fixa já havia alguns anos e o importante apoio no elenco de nomes como Roberto Guilherme, Tião Macalé e Carlos Kurt, *Os Trapalhões* reinou nos domingos noturnos da Globo. E, no cinema, como veremos mais à frente, foi nessa época que os filmes

atingiram o maior número de espectadores – número que até hoje figura entre os mais altos da história do cinema nacional.

O grupo também contava com o retorno de Emanuel Rodrigues, que havia se livrado das correntes do palhaço Bozo e escrevia novamente para o grupo, desta vez, ao lado de Carlos Alberto da Nóbrega.

Caetano Veloso deixa bem claro, em uma de suas músicas, como o grupo vivia o seu momento mais popular. Parte da letra de *Jeito de Corpo*, de 1980, reverencia o quarteto:

**Eu sou Renato Aragão,
santo trapalhão**

Eu sou Mussum, sou Dedé
Sou Zacarias, carinho
Pássaro no ninho
Qual tu me vê na tevê.

Em 1981, o filme *O Mundo Mágico dos Trapalhões*, em formato de documentário, mostrou os bastidores do grupo. A rotina de shows, as gravações na Globo e a vida de celebridade.

Naquele ano, o grupo celebrava 15 anos de existência. Para comemorar, foi ao ar um programa especial, *Trapalhões – 15 anos*, em que eles ficaram oito horas no ar, no primeiro domingo de julho. Também houve uma das primeiras ações sociais do quarteto, que promoveu campanhas a favor das pessoas portadoras

de necessidades especiais e da doação de córneas.

Os shows pelo Brasil aconteciam, como mostra o filme citado acima, em ginásios poliesportivos, nos quais o grupo fazia a verdadeira versão nacional dos clássicos *Globetrotters* – time de basquete norte-americano que ficou famoso por realizar peripécias malabaristas em quadra.

No caso dos Trapalhões, claro, o esporte era o futebol. E, diferente dos americanos que encantavam o mundo com a bola nas mãos, aqui o encanto vinha justamente pela falta de intimidade com a pelota. Os shows eram uma extensão das brincadeiras de circo, e sempre lotavam, claro, com crianças. O

time dos Trapalhões fazia de tudo para conseguir a vitória – incluindo truques arditos, exposição de nádegas e outras brincadeiras circenses.

Uma dessas crianças esteve em um dos shows dos Trapalhões pelo Brasil. Lincoln Scanapieco, natural de Juiz de Fora (interior de Minas Gerais), sempre foi um admirador declarado do quarteto. Lincoln, que hoje é professor de inglês, chegou a abrir um fã-clube dedicado à trupe. Ainda morando na mesma Juiz de Fora, ele tinha entre 8 e 9 anos quando o grupo esteve em sua cidade. E não se esquece até hoje. “O humor ingênuo e inocente deles me conquistou”, lembra.

Lincoln lembra-se, ainda, do primeiro

momento em que os Trapalhões surgiram em sua vida. Aconteceu com a trilha sonora de *Os Saltimbancos Trapalhões*, um dos filmes mais famosos do grupo. O detalhe: Lincoln tinha apenas 2 anos de idade, mas consegue lembrar-se do momento em que ganhou o LP, que tinha estampada uma imagem em muitas cores – ponto para o tamanho maior do LP, ou será que uma criança hoje em dia tem a mesma emoção ao ganhar faixas de MP3 em um iPod?



1983: a separação dos Trapalhões e problemas de relacionamento

Artista já é vaidoso por natureza.

*Quando você junta vaidade com
dinheiro, então, aí a coisa fica ainda
mais difícil.*

Carlos Alberto da Nóbrega

Todos nós, com nossas peculiaridades, temos problemas com alguém da família. Podem ser rugas rápidas, temporárias ou incorrigíveis. Mas

temos. Da mesma forma, vemos, de tempos em tempos, notícias em jornais e revistas que falam de bandas de rock que acabaram depois de muitos anos com os mesmos integrantes.

A natureza do ser humano está justamente na diferença entre cada um. Essa disparidade, muitas vezes, torna-se complemento de algo. Mas, em outros momentos, também pode causar atritos. E chega uma época em que essas diferenças vêm à tona. Nem é preciso ser psicólogo para entender isso.

Quando falamos de um grupo que possui a vida – ou parte dela – exposta publicamente, qualquer decisão ganha contornos continentais. Foi o que aconteceu quando os Trapalhões tiveram

a sua primeira separação, já com a formação mais famosa.

A capa da edição da revista *Veja* de 13 de julho de 1983 traz uma imagem de Renato Aragão. À época com 48 anos, Renato era celebrado na revista semanal pelo sucesso com o personagem Didi, e também como empresário. A extensa reportagem ainda deu destaque para o filme do momento, *O Cangaceiro Trapalhão*, que arrecadava “45 milhões de cruzeiros por dia” (provavelmente, um número alto).

A matéria publicada nessa edição da *Veja* poderia soar inofensiva à maioria dos olhos, mas, se a analisarmos cuidadosamente, veremos que o texto

apenas menciona, e rapidamente, o nome dos outros três trapalhões, Dedé, Mussum e Zacarias.



Capa de Veja de 13 de julho de 1983.

Em outubro, poucos meses depois de a matéria ser publicada, acontecia a

separação. Dedé, no entanto, faz questão de ressaltar que a separação não foi entre os Trapalhões, mas entre as empresas Renato Aragão Produções e DeMuZa – empresa criada a partir das sílabas iniciais de Dedé, Mussum e Zacarias. Ora, empresas, em qualquer lugar, são formadas por pessoas. E eram justamente os Trapalhões que estavam por trás das empresas citadas por Dedé, como veremos.

A divisão deixou três trapalhões de um lado (Dedé, Mussum e Zacarias) contra Didi do outro. O clima era ruim, mas a maioria dos envolvidos tentou pôr panos quentes na situação. Isso não impediu, porém, que alguns escolhessem seus lados. “Estava no meio dessa briga,

mas acabei ficando ao lado do Aragão”, conta Roberto Guilherme. O mesmo fez Beto Carrero, que participava de alguns filmes e programas junto do grupo.

Segundo o “Sargento Pincel”, a briga ocorreu por pura vaidade. O que se comentou nos bastidores, porém, foi que a principal razão era o dinheiro, mesmo. E a imprensa também falou muito sobre isso. Segundo reportagem do jornal *Folha de S. Paulo* de 19 de março de 1990 (um dia após a morte de Zacarias), nos idos de 1983 Renato recebia um valor bem superior aos dos colegas de palco: “80% dos lucros ficavam com Renato Aragão e só os 20% restantes eram divididos entre os outros”, dizia a reportagem.

Os três trapalhões, Dedé, Mussum e Zacarias, achavam que deviam ganhar mais pela participação no grupo. Renato, porém, investia mais, especialmente na produção dos filmes do quarteto. Investimento que, muitas vezes, vinha do próprio bolso. “Estava morando em um apartamento que era do Aragão, no Rio de Janeiro. Certo dia, ele me avisou que precisaria vender o apartamento, para investir o dinheiro em um de seus filmes”, conta Carlos Alberto da Nóbrega. Segundo ele, o líder do grupo acabou sendo malvisto pelo público. “Ele investia mais. Então, não é justo que, na hora de dividir, a divisão seja igual para os quatro. A parte maior tinha que ficar

com ele mesmo.”

Adriano Stuart, profissional conhecido no meio da televisão, estava com o grupo desde sua entrada na Globo, vindo da Tupi. Além disso, foi diretor de alguns dos maiores filmes do quarteto, incluindo o mais famoso, *Os Saltimbancos Trapalhões*. Stuart, porém, revela que o relacionamento não era um mar de rosas. “Só eu evitei pelo menos três separações”, dispara.

O ápice dos desentendimentos aconteceu entre setembro de 1983 e fevereiro de 1984, quando o grupo parou parte das gravações. Pior que isso, eles mal se falavam. “Estava um ódio entre os dois lados, um não queria mais ver a cara do outro”, revela Beto Carrero. A —

digamos – oficialização da divergência veio com o nascimento da já citada DeMuZa, uma produtora criada pelo trio trapalhão. “Montaram um escritório em uma mansão nas Laranjeiras [bairro carioca], em um escritório mais vistoso que o do Aragão”, conta Stuart – que já havia saído da direção nesse momento.

Dedé, Mussum e Zacarias ainda tiveram participações na própria Globo, fora do programa *Os Trapalhões*. “O Boni perguntou se eu gostaria de trabalhar com o Dedé, o Mussum e o Zacarias. E eu topei”, explica Adriano Stuart. Como o trio ainda era contratado da emissora carioca, foi aproveitado em um novo programa dirigido, na época, por Stuart,

intitulado *A Festa é Nossa!*. Segundo o ex-diretor de *Os Trapalhões*, os três fizeram um relativo sucesso no novo programa, em que atuavam como mecânicos em uma oficina.

Emanoel Rodrigues também trabalhou com o trio durante o período. Ele foi um dos roteiristas do filme protagonizado pelos três, sem a companhia de Didi (veja mais adiante). A participação na produção da trama lhe rendeu um “traidor!” vindo de Renato, que não gostou de ver o profissional trabalhando do outro lado. “Eu também era amigo do Dedé, do Mussum e do Zacarias, assim como do Renato. Estava apenas trabalhando com eles”, explicou à época o redator. Renato entendeu a

situação pouco depois.

Novos Trapalhões?

“Foi aí que o Renato pensou em montar outro grupo, com o Lúcio Mauro, Silvia Cardoso e Emil Rached. Eu disse a ele que não ia dar certo, que o público não ia aceitar.” A afirmação feita por Adriano Stuart mostra como o clima estava tenso entre os atores. Carlos Alberto da Nóbrega, que era o redator-final do programa na televisão, à época fez questão de negar qualquer possibilidade de contar com um novo quarteto: “Eu fiz de tudo para eles fazerem as pazes. O que eu pude atrapalhar pra botar gente nova eu fiz.

Achava aquela separação uma grande bobagem, eles eram amigos”.

Segundo Nóbrega, houve mesmo uma tentativa de formar um novo grupo, porém, ele não dá nome aos bois, como fez Stuart. “Eles queriam formar os novos trapalhões, pra botar no lugar do Mussum, Dedé e Zacarias. Então, toda vez que eles escolhiam alguém pro elenco, eu sempre botava uma pedra no caminho, dizia que não ia dar certo. Principalmente porque eu sabia que eles eram amigos, e mais cedo ou mais tarde iriam voltar.”

Em meio ao período de brigas, alguns nomes lutavam pela reintegração do quarteto. Roberto Guilherme foi um dos envolvidos na luta por essa união. O ator, que havia voltado alguns anos antes a

atuar com o grupo, mas fazia parte da turma desde a primeira formação dos *Adoráveis*, organizou encontros entre os quatro, acalmou ânimos mais exaltados e teve um papel fundamental na decisão de reunião. A volta, aliás, também o incluiu, já que, sem os Trapalhões, Guilherme vinha participando de outros programas.

Porém, antes de a paz reinar novamente, os brigados participaram de uma competição peculiar no cinema. Usando a produtora DeMuZa, o trio trapalhão investiu no filme *Atrapalhando a Suate*, que seria lançado nas férias de fim de ano em 1983. Do outro lado, Renato e sua produtora, a RA Produções (Renato Aragão Produções), apresentaram o filme

O Trapalhão na Arca de Noé. O público naquele momento teve, então, a oportunidade de ver dois filmes em cartaz que se travestiam de Trapalhões, mas, na verdade, não eram do grupo.

Embora nenhum dos filmes tenha ido mal, eles também não deram muito certo. Porém, para Dedé, Mussum e Zacarias, a coisa ficou pior. “Eu falei que eles iam acabar criando dívidas com aquele filme, e não deu outra”, conta Stuart. A dívida, segundo ele, só foi perdoada após o trio aceitar voltar às filmagens com Renato na Globo.

O cheque

O capítulo final, que retrata o

momento em que os quatro aceitaram reformar o grupo, teve nuances de história policial, com direito a um fim digno de Hollywood.

Conta Dino Santana, irmão de Dedé, que Beto Carrero foi falar com ele, preocupado com o desentendimento. A preocupação de Beto, segundo Dino, era a de qualquer empresário naquela situação: sem Trapalhões, a fonte estava seca, e ainda havia uma série de contratos comerciais em andamento. Todo um universo comercial, criado em cima do quarteto, seria perdido.

Dino Santana relembra o diálogo com Beto, que pedia para que o irmão voltasse ao grupo de qualquer maneira. “O Dedé está irredutível”, disse à época o irmão do

artista. Com a insistência de Beto, Dino não poderia ter sido mais claro:

“Você quer saber o que é necessário para que eles voltem? Só tem uma coisa que vai fazer eles voltarem... GRANA!”.

Beto, então, ainda segundo Dino Santana, assinou um cheque em branco, do extinto banco BANESUL, dobrou-o e colocou-o no bolso da camisa de Dino. “Fala pra ele pensar em dólar, e dizer o quanto vocês querem”, teria dito o empresário, hoje dono do megaparque Beto Carrero World.

Dino, porém, recusou o cheque, devolvendo-o no mesmo instante para ele. Preferiu voltar a sua residência, encontrar-se com Dedé e armar uma

conversa entre ambos. A conversa aconteceu, e, lá, eles acertaram a base de como seria a volta. De quebra, Dino ainda conseguiu um emprego com a ajuda de Beto.

O jantar

Uma vez acertadas as bases contratuais do grupo, havia ainda a necessidade de colocá-los juntos novamente. E aqui entra mais uma vez o empresário Beto Carrero, que marcou um jantar com cada um deles para o mesmo horário e local, logicamente, sem que cada um soubesse da presença dos outros. “O Renato sempre gostou de bons vinhos, e um dia marquei um encontro com ele no

Hotel Meridian, no Rio. Sem que ele soubesse, chamei também o Dedé, o Mussum e o Zacarias ao encontro.”

Quando Renato chegou, Mussum e Zacarias já estavam por lá. O momento do encontro foi de grande suspense, conforme Beto Carrero, que estava junto de Renato, relembra: “Os três se olharam, sem saber muito o que dizer, até que começaram a chorar e se abraçaram”, conta. Pouco tempo depois, veio Dedé, que acabou se deixando envolver pela emoção dos companheiros.

Horas depois, muitas lembranças na mesa e algumas garrafas de vinho a menos, o quarteto estaria de volta já no domingo seguinte para gravar. “Liguei pra Globo, e o Boni não estava. Então,

falei com o Mário Lúcio dizendo ‘fala pro Boni que os Trapalhões estão juntos novamente, e quando ele quiser, eles voltam pro ar’”, segundo Beto Carrero.

No domingo seguinte, em 25 de março de 1984, as crianças, sem saber nada daquilo, já assistiam a mais um programa *Os Trapalhões* – o primeiro inédito em seis meses.



Criança Esperança

Nunca pare de sonhar, mas planeje sempre como realizar seus sonhos.

Renato Aragão , em trecho do livro
Meus Caminhos.

Ao longo da década de 1980, *Os Trapalhões* passou por uma série de mudanças na emissora carioca. O programa de 1984, por exemplo, que marcou a volta do grupo, mostrava um fundo branco e já mantinha imagens de como seria a fase final do quarteto, em que as cores predominantes vinham somente do figurino dos personagens.

Já em 1985, aconteceu uma série de

gravações internacionais, com cenas feitas em Los Angeles – provavelmente, sob a influência das Olimpíadas do ano anterior (1984), que tinham ocorrido justamente ali.

Embora o programa sempre tenha sido mais direcionado às crianças, nunca foi caracterizado como um programa exclusivamente do gênero. No meio da década, começaram a nascer quadros com um teor ainda mais infantil, objetivando justamente conquistar novas gerações. O texto também mudava.

A seguir, Emanuel Rodrigues explica como era escrever e bolar os textos dos Trapalhões:

“De uma forma geral, eu sempre escrevi em cima do ator. De suas

características físicas, de sua maneira de falar. Eu não usava a mesma piada do Mussum para o Zacarias, por exemplo. Eu sempre escrevo para o Didi. Se o Renato mudar de personagem e virar o Bonga, por exemplo, eu sei qual é a linguagem dele também. O Mussum era um outro estilo, tinha que escrever uma coisa própria pra ele. Assim como pro Zacarias, tinha que escrever algo pra que ele soltasse aquela risada dele...”.

Carlos Alberto da Nóbrega, outro redator importante dos Trapalhões, dá sua visão sobre escrever para o quarteto. “Pra cada um era um tipo de humor. Pro Renato era de um jeito, pro Mussum era outro, pro Zacarias era outro.” O

apresentador não destaca Dedé entre os textos de humor, e explica a razão: “O Dedé não agia como humorista direto, mas como o ‘escada’ para todos eles”. Os textos do Dedé, como escada, eram sempre de preparação para as piadas, e não tinham uma ligação direta com o humor. “Na realidade, os engraçados ali eram o Renato, o Mussum e o Zacarias”, diz ele, e complementa: “Quem tinha a maior parte das falas era mesmo o Renato. Mais ou menos 70% dos textos de humor iam pro Renato, e 30% para Mussum e Zacarias”.

Em 1986, mais um especial, desta vez de 20 anos do grupo. Ali nascia o nome *Criança Esperança*. Com o título *20 Anos Trapalhões – Criança Esperança*, o especial

ficou por nove horas no ar e trouxe 28 blocos. A partir daquele ano, o *Criança Esperança* se tornaria fixo na programação anual da emissora.

Dois anos depois, em 1988, um antigo nome voltava a atuar ao lado dos Trapalhões na TV: Wilton Franco – sim, o mesmo diretor que preparou *Adoráveis Trapalhões* ainda na Excelsior. Wilton chegou para fazer a direção geral da atração, e de bate-pronto deu sua cara ao programa: simplicidade e contato com a platéia.

É dessa fase que vem o maior contato dos Trapalhões na TV com a platéia, em gravações ao vivo e encenadas no Teatro Fênix, no Rio de Janeiro; a platéia lotava

com crianças, que vinham abaixo com as piadas e brincadeiras do grupo. Havia uma ampla participação do público, até com interação, quando o grupo invadia a platéia e brincava com os convidados. Sobrava improviso – área em que Renato Aragão atuava melhor do que ninguém.

Sobrava, mas não reinava, conforme depoimento de Emanuel Rodrigues sobre a forma de atuar de Renato Aragão: “O Renato sempre teve seu jeito todo especial de improviso, de colocar ‘cacos’, e não improvisos, no texto. Humoristas como Costinha, pra quem eu fui também o principal autor, ou Golias, improvisavam muito em cima do texto. O Renato sempre foi de colocar ‘cacos’ em cima da situação, brincava em cima da

situação sem prejudicar o texto”.

Carlos Alberto da Nóbrega também se lembra bem da influência final de Aragão no texto. “Ele sempre respeitava os textos que fazíamos, mas sempre colocando ‘cacos’ dele. E, como redatores do programa, não nos preocupávamos com quem escrevia o quê. Eu pegava os textos de todo mundo e entregava o programa pronto para ele [Aragão].”

Cacos que ficaram mais do que famosos, como *tesouro*, *ô psit*, *cuma?*, *peruas*, e assim por diante.

Durante os anos de 1988 e 1989, o programa seguiu sua linha de sucesso, contando com a participação de várias estrelas globais e, também, cantores.

Porém, o último ano da década reservava uma triste surpresa para o grupo.



A morte de Zacarias

Os Trapalhões são como uma mesa de quatro pernas.

Sem uma perna fica difícil.

Renato Aragão , em depoimento para o *Jornal do Brasil* de 19 de março de 1990 .

Como era costume nos últimos e primeiros meses do ano, *Os Trapalhões* era exibido na Globo apenas por reprises. Os atores, durante esse período, desfrutavam do merecido descanso após uma rotina exaustiva de filmes, gravações e compromissos publicitários. Além disso, o período de pausa permitia que todas as

forças fossem injetadas no filme do quarteto, que, como já era tradição, chegava no período das férias escolares.

Os shows, no entanto, continuavam. Em São Luís (MA), por exemplo, os Trapalhões apresentaram-se, no dia 23 de dezembro de 1989, em uma noite dedicada ao Natal. Seria apenas mais uma apresentação, não fosse o fato de que seria também a última aparição de Zacarias como um dos Trapalhões.

Maurinho, como também era chamado por amigos, vivia tendo constantes problemas com o peso. Seu peso normal era de 62 kg, mas de tempos em tempos ele fazia regimes. Em 1987, por exemplo, o ator perdeu 20 kg. Ele costumava dizer que parecia uma xícara:

baixinho e largo. A mãe de Zacarias, Virginia Gonçalves, sempre o criticava pelos regimes, normalmente sem acompanhamento médico algum. “Muitas vezes ele se alimentava somente de frutas e legumes durante vários dias”, relembra Vilma Faccio Gonçalves, uma das irmãs do ator.

Para 1990, os Trapalhões buscavam mais uma mudança no formato do programa, que seria dividido em duas partes. A primeira seria composta de quadros diversificados, enquanto a segunda retrataria o **Trapa Hotel**, um hotel em que, claro, as confusões dos protagonistas seriam as principais atrações.

Zacarias, porém, não estava escalado para a volta às gravações, em março de 1990. O ator vinha, desde dezembro do ano anterior, tomando medicamentos para perder peso e se alimentando muito pouco. O regime vinha – aparentemente – dando certo. Dos 62 kg habituais, Zacarias passou a pesar 50 kg.

Aids?

A perda repentina de peso do ator, no entanto, abriu espaço para que público e imprensa comesçassem a criar especulações sobre a possibilidade de Zacarias ter o vírus HIV – lembrando que, em 1990, aids ainda era um tabu para a maioria das pessoas, e ganhava páginas

na imprensa com nomes famosos que assumiam a doença, como Cazuzza, que morreria no mesmo ano, alguns meses depois.

A especulação transformou a vida de Zacarias em um inferno, como o próprio ator declarou em entrevista ao jornal *O Globo* de 8 de março de 1990: “Tiraram meu sossego com insistência de ligações telefônicas e repórteres e fotógrafos acampados 24 horas em frente à minha casa, à espreita de um flagrante ou descuido”. Sobre a insistência dos jornalistas, ainda disse: “Isso é crueldade e invasão a meu direito de privacidade. Pois que continuem o cerco, nada me fará falar com eles!”. Para qualquer pessoa, ter sua intimidade invadida dessa maneira já

é algo bem próximo da loucura. Para Zacarias, era ainda pior. O ator tinha uma vida muito tranqüila, e vivia sozinho desde que se separara da esposa, Selma Lopes. Em sua casa, situada em Jacarepaguá (zona oeste do Rio de Janeiro), carregava figas e budas, e levava sua religião, o espiritismo, muito a sério. “Em sua intimidade, o Mauro era uma pessoa muito tímida e reservada. Sempre gostou das coisas muito certinhas e não conversava com muitas pessoas”, diz a irmã Vilma.

O fato é que, apenas dois dias depois de sua declaração no jornal, no dia 10, ele deu entrada na clínica São Vicente, no Rio de Janeiro, com problemas

respiratórios. Zacarias só teve ciência da gravidade de seu estado quando não conseguiu curar-se de uma gripe de rotina.

Gripe que, segundo Vilma, poderia ter sido gerada durante a gravação de seu último filme com o grupo, *Uma Escola Atrapalhada*. “Eles ficaram debaixo de sol, debaixo de chuva, e o Mauro fazendo aquele regime”. Vilma ainda lembra quando a mãe, naquela época, abriu a geladeira do filho. Só havia poucas frutas e legumes. “Ele estava sem defesas para combater qualquer doença e desenvolveu uma anemia”, diz a irmã.

Nos quatro últimos dias de vida, Zacarias apresentou uma piora sensível, e a gripe, que já era uma pneumonia,

tornou-se uma infecção respiratória. Infecção que tiraria sua vida, no dia 18 de março. Segundo reportagem da revista *Veja* de 28 de março, Zacarias era tratado na clínica como um paciente imunodeprimido, ou seja, com diminuição da defesa imunológica, e por isso amigos e familiares só podiam entrar em seu quarto vestindo aventais esterilizados e máscaras.

O anúncio da situação de sua saúde pegou de surpresa muitas pessoas, em especial os três membros do grupo. Renato Aragão e Dedé Santana foram para o hospital no mesmo dia, enquanto Mussum não pôde ser avisado, já que passeava de barco no dia.

Bastante abalados, os Trapalhões pensaram em parar naquele momento, em meio a conversas e lágrimas nos corredores do hospital. Mas Wilton Franco, diretor do programa, rebateu qualquer afirmação, dizendo que era uma “lacuna enorme, mas as partes restantes vão tentar suprir essa falta”.

“Eu integrava os Trapalhões e já o admirava como profissional. Como ser humano era ainda mais maravilhoso. Fazia muito bem aquele tipo de jeito tímido e caipira, mas como pessoa era sério e muito querido. Um artista, acredito, insubstituível.” Palavras de Ivon Cury, um dos primeiros Trapalhões, publicadas no *Segundo Caderno*, de *O Globo*,

em 19 de março de 1990.

Para a irmã Vilma, ficou o ressentimento de não ter mais visto a família de Zacarias, composta pela ex-mulher Selma Lopes (a dubladora mais famosa de Marge Simpson, do desenho *Os Simpsons*) e pela filha adotiva de Mauro, Maria Laura. “Antes de ele morrer, eles sempre apareciam por aqui. Depois, nunca mais. Talvez tenham medo de a gente pedir algo”, desconfia Vilma, que, na verdade, ficou com muito pouco da herança de Zacarias.

Exatos dois meses antes de sua morte, em 18 de janeiro de 1990, Mauro voltou a sua terra natal, Sete Lagoas (MG). “Manda fazer um bolo bem bonito que eu vou passar o meu dia aí com vocês”,

teria dito o ator a sua irmã. Zacarias comemorou seu último aniversário, de 56 anos, com uma grande festa, que também uniu o aniversário da irmã Vilma, um dia depois do dele, em 19 de janeiro. Por lá, Zacarias era conhecido como Bidu, um de seus apelidos. “Parecia até uma despedida”, conta, emocionada, Vilma.

Renato Aragão, o responsável pela vinda de Zacarias ao grupo, jamais escondeu quanto sentiu a falta do ator. Costumava chamá-lo de “filho caçula”. De fato, dos quatro trapalhões, Zacarias era quem tinha o humor mais dirigido às crianças, com piadas mais ingênuas e trejeitos mais infantis. E Renato jamais superou a perda do amigo e companheiro

de programa.

Zacarias teve seu pedido atendido, e foi enterrado em Sete Lagoas, sua cidade natal. Apenas o velório teve a presença dos Trapalhões, que não puderam acompanhar toda a cerimônia devido à polvorosa que tomou a cidade após a notícia de que o grupo estaria lá. Além de Vilma, Zacarias tinha outros nove irmãos, que estiveram presentes com a mãe, no enterro. “Uma criança que jamais virou adulto”, dizia Renato Aragão, aos prantos, debruçado sobre o caixão do ator.

“Às vezes, as pessoas dizem que nós ficamos ricos porque o Mauro deixou isso, aquilo... Nada. Só mesmo a vontade de viver, saúde e o exemplo que ele nos

deixou”, ressalta Vilma.

Exemplo que, certamente, não é esquecido.



O Trapa Hotel

O preço do palhaço é não poder estar triste. Ninguém entende.

Mussum , em matéria no jornal **O Globo** de 20 de março de 1990.

Sem Zacarias, o programa *Os Trapalhões* ainda continuou, com relativo sucesso. A estréia da nova temporada, porém, foi adiada por algumas semanas e aconteceu somente em abril de 1990. E, como foi dito, trouxe a estréia do quadro *Trapa Hotel*, criado por Emanuel Rodrigues, entre outros, em que cada um dos Trapalhões exercia uma função no local. Didi era o secretário-geral, Dedé se

passava por secretário de esportes e Mussum atuava como segurança. O papel de Zacarias seria originalmente de cozinheiro, função que ficou para um nome famoso na história final dos Trapalhões: Jorge Luiz Souza Lima ou, simplesmente, Jorge Lafond (1953-2003).

Jorge Lafond ficou conhecido pelo seu personagem mais famoso, Vera Verão (“uma quase mulher”), encenado durante muitos anos, após *Os Trapalhões*, no programa de Carlos Alberto da Nóbrega, *A Praça é Nossa*.

O convite para ingressar no elenco veio de Renato Aragão, mas um dos maiores entusiastas da entrada de Lafond para o elenco foi Mussum. Segundo Paula, a filha mais velha do comediante

da Mangueira, Mussum foi a uma peça de teatro com a filha, e lá teria visto Jorge Lafond. De cara, ele ficou impressionado com o talento e carisma de Lafond. Pouco tempo depois, Lafond estava no elenco. Além disso, Mussum defendia a entrada de mais um negro, ou “cidadão com excesso de pigmentação”, como costumava dizer, no grupo.

Sob direção de Wilton Franco e supervisão de criação de Chico Anysio, o Trapa Hotel tinha como principal característica roupas coloridas e um cenário moderno, incluindo portas giratórias e um elevador panorâmico. Além disso, as piadas ganharam um tom mais internacional, sem uma

contextualização regional muito grande – visando à exportação do programa.

Nessa fase, os Trapalhões já tinham um elenco de apoio extenso, incluindo atores novos e ocasionais. A lista passava por Conrado e Letícia Spiller, além dos tradicionais Tião Macalé e Roberto Guilherme, entre outros. Macalé, por exemplo, era o entregador do hotel, enquanto Conrado era um amigo da turma que sempre se envolvia em confusões com suas paqueras no hotel.

Havia ainda uma pequena garota, que interpretava uma menor abandonada, e era amparada por Didi no hotel. Talvez você não se lembre do nome Maria Eduarda Esteves e Alves, mas imagino que saiba, ou que pelo menos desperte

algo em sua memória, o nome Duda Little.

Duda Little ganhou fama nacionalmente ainda no programa *Xou da Xuxa*, no meio da década de 1980. Como repórter mirim, chegou a entrevistar celebridades como Pelé e o cartunista Ziraldo. O sucesso no programa da apresentadora infantil chamou a atenção de Renato Aragão e Wilton Franco, que a convidaram para participar de alguns quadros de *Os Trapalhões*. “Pouco tempo depois, veio o convite para o Trapa Hotel”, lembra-se ela. De lá, ela seguiu para a Rede Manchete, onde trabalhou no programa *Dudalegria* por muitos anos, até se dedicar à faculdade de jornalismo e

decidir trabalhar atrás das câmeras.



Duda Little com
Mussum, Zacarias e
Dedé, poucos meses
antes da morte do
humorista mineiro.
Arquivo Duda Little.

Duda tinha, à época, entre 10 e 11 anos. Em seu álbum de fotografias ainda constam, por exemplo, imagens ao lado de Zacarias, embora ela tenha poucas lembranças dele. “Lembro-me que cancelaram os primeiros dias de gravação

do Trapa Hotel devido à morte dele.”

Além do programa, Duda, ou melhor, Maria Eduarda também atuou em dois filmes dos Trapalhães, *Xuxa e os Trapalhães em o Mistério de Robin Hood* e *Os Trapalhães e a Árvore da Juventude*. “Gravávamos durante a semana e depois viajávamos pelo país fazendo shows no fim de semana.”

Ainda nessa fase, já no ano de 1991, surge um dos últimos personagens famosos de Renato Aragão: o anão Ananias, que encantava as crianças com a incrível habilidade de cair, não beijar o chão e depois levantar-se sem a ajuda das mãos.

Especial 25 anos

Em 27 e 28 de julho de 1991, para celebrar 25 anos do grupo, desta vez os Trapalhões ficaram 25 horas no ar, por meio de aparições na maioria dos programas da Globo da época. O programa foi dirigido por Walter Lacet, Aloísio Legey, Maurício Sherman e Wilton Franco. A programação especial começou com uma reportagem no *Jornal Nacional*, e seguiu com participações dos atores na novela da época, *Dono do Mundo*. Em uma das cenas da novela, Renato Aragão fez o papel de Charles Chaplin – outro de seus ídolos – em cena do filme *O Grande Ditador*. Objetos como a luva do ex-pugilista Mike Tyson ou o capacete do

piloto Ayrton Senna (morto em 1994) foram leiloados para arrecadação de fundos para o Unicef.

O destaque ficou por conta da participação do trio no programa *Escolinha do Professor Raimundo*, em que Chico Anysio foi para a carteira como aluno, e no *Xou da Xuxa*, em que, na famosa cena inicial, em vez de ser a “rainha dos baixinhos” a sair de sua nave, foi Renato Aragão, fantasiado como a apresentadora.

Além da programação na TV, o filme *Os Trapalhões e a Árvore da Juventude* foi produzido para comemorar o aniversário. O filme, além de ficar marcado como o último do grupo, também marcou uma era de crise no cinema nacional, que

passaria alguns anos sem novos títulos de grande expressão.

Cristo

Naquele especial de 25 anos, uma cena insólita chamou a atenção de muita gente que estava com a TV ligada na Globo: era Renato Aragão escalando o Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, buscando beijar a mão da estátua. A idéia partiu do próprio Renato, que queria agradecer a tudo que recebera na vida com um grande gesto.

Grande mesmo. Para realizar a proeza, ele foi contra os diretores do especial e ainda teve a penosa missão de fazer que os bombeiros permitissem

tamanha loucura. “Me senti flutuando durante três dias”, comentou Renato em uma entrevista muitos anos depois.

Porém, engana-se quem pensa que Renato fez aquilo para promover o programa ou a si mesmo. Em uma entrevista para um DVD da revista *Superinteressante*, o humorista revela que havia muito queria realizar a missão, mas desejava ir à noite, escondido.

Em vez disso, o fez em frente a milhões de brasileiros, ao vivo.



Os últimos anos

Quando era criança, a minha família só voltava de viagens após Os Trapalhões , eu não podia perder por nada!

Carla Santos, 28 anos, relações-públicas e fã do quarteto.

Tecnicamente, 1993 não foi o último ano de gravação do programa *Os Trapalhões*. Após a morte de Mussum, a dupla Didi e Dedé ainda voltaria em 1995 e, de quebra, faria algumas aparições em Portugal, como veremos. Mas esse ano fica marcado pela despedida de Mussum das telas.

Na última temporada completa dos Trapalhões, houve uma série de mudanças. Wilton Franco deixou a direção do programa, que passou para José Lavigne. Lavigne vinha de outra escola de humor, e, já naquela época, trabalhava com a turma do *Casseta & Planeta*, que despontava de forma ascendente na Globo após os bem-sucedidos textos para o *TV Pirata*.

Certamente o estilo de Lavigne e, conseqüentemente, do *Casseta & Planeta* se fez notar na comédia do trio trapalhão. Os esquetes tornaram-se mais rápidos, e com um estilo ligeiramente mais voltado ao público adulto.

Assim como nos anos anteriores, o

programa era dividido em duas partes. A primeira continha todo o elenco. Já na segunda, criou-se o quadro “Nos Cafundó do Brejo”, em que Renato interpretava o personagem Zé do Brejo, que vivia em uma fazenda onde árvores produziam hambúrgueres e pizzas. O roteiro dessa parte era escrito pela própria turma do Casseta, e o elenco ainda trazia atores como Letícia Spiller e Roberto Bomtempo (a filha do coronel e o coronel Durão, respectivamente).

Dedé e Mussum não participavam do quadro, mas, aparentemente, não se incomodaram com isso. Pelo contrário, até faziam brincadeiras, dizendo que ganhavam o mesmo salário, só que trabalhando menos.

Os Trapalhões, em 1993, também se destacou por dois outros fatores: efeitos especiais, que aconteciam em demasia, além do esquete muito rápido, em que Renato terminava dizendo “Os Pirata!”.

Em outubro desse ano, o programa já vinha decaindo em audiência, até que o quadro solo de Aragão foi, literalmente, para os cafundós. Mudou-se a história, e o elenco passou a contar com novos atores globais, como Rômulo Arantes (1957-2000) e Marcelo Novaes. Renato continuava como Zé do Brejo, mas, desta vez, vivia na cidade grande.

Sentindo pouca receptividade do público, para 1994 a idéia era voltar ao velho estilo de humor do grupo, com

piadas mais simples e comédia pastelão.

1994, as primeiras reprises

No final de 1993, a baixa audiência do programa *Os Trapalhões* aos domingos desanimou o trio Didi, Dedé e Mussum. Entre especulações de propostas da concorrência (o SBT teria feito um convite com muitas cifras envolvidas) e dúvidas sobre o início das gravações ou não, eles decidiram encerrar o programa dominical, que estava no ar desde o início na Globo, em 1977. No lugar, o programa ganhou um sobrenome, *Melhores Momentos*, e passou a ser veiculado durante a semana. Ali, entrariam (como você deve imaginar)... bem, os momentos mais

marcantes nos anos de Globo.

Qual não foi a surpresa do grupo ao constatar que o público aceitou muito bem as reprises. Nas primeiras semanas de janeiro, quando foi ao ar, o programa obteve médias de audiência de 25 pontos, algo que nem os próprios Trapalhões esperavam. O contrato do trio com a Globo se encerraria no fim de 1994, e a partir daí eles decidiriam o que fazer.

A notícia da paternidade de Mussum era o principal e único assunto relacionado ao quarteto até maio daquele ano. Indícios de que, lamentavelmente, poucos esperavam o desfecho que teria a vida do humorista alguns dias depois.



A morte de Mussum

Os Trapalhões agora são Renato e Dedé. Não faremos nada separados.

Renato Aragão , em depoimento à *Folha de S. Paulo* de agosto de 1994.

Na manhã de 29 de julho de 1994, Renato Aragão foi abruptamente acordado por um telefonema, que o tirou da cama. Ainda sonolento, o cearense atendeu a chamada, e soube que se tratava de um repórter de uma rádio paulistana: “Didi, queríamos uma palavra sua sobre o que aconteceu”. O humorista, ainda sonolento, perguntou o que havia acontecido. “Você não soube? O Mussum

morreu.”

A história acima foi publicada no jornal *Folha de S. Paulo* de 30 de julho de 1994, um dia após a morte do comediante sambista.

Muito se fala sobre a espontaneidade de Mussum, e seu jeito de fazer humor mesmo quando não queria. Porém, o ator, de acordo com sua filha, era bem reservado dentro de casa. Caco, o apelido de Mussum entre seus familiares, era uma pessoa tímida. A filha mais velha, Paula, jamais reconheceu o personagem como a pessoa que era seu pai. “Dentro de casa, meu pai era muito quieto. Nunca se achou uma estrela”, relembra Paula.

Pouco revelava sobre sua vida íntima. Porém, durante o primeiro semestre de

1994, Mussum não conseguiu evitar que a imprensa destacasse o exame de DNA que havia sido feito pela paraibana Maria Santana de Souza. Ela comprovou na época ser a mãe do último filho de Mussum, que leva o nome do pai: Antonio Carlos. O filho, porém, ficaria conhecido anos depois como o **Mussunzinho**, após participações na novela *América*, da Globo, e no próprio programa de Renato Aragão após o fim do grupo.

Mussum chegou a requerer a guarda do filho, alegando que teria mais condições de cuidar da criança, como a imprensa também destacou. O que não sabiam, porém, era dos problemas

cardíacos vividos pelo humorista. Em agosto do ano anterior, ele já havia sido internado. Na época em que foi ao hospital pela última vez, os médicos constataram que seu coração estava cerca de quatro vezes maior do que o tamanho normal. Segundo os especialistas, se algo não fosse feito, seria tarde demais.

Transplante cardíaco

O problema no coração de Mussum era uma miocardiopatia dilatada, o que, traduzindo para o bom português, é um aumento no tamanho do coração, que perde sua funcionalidade normal. Para resolver o problema, definiu-se que Mussum teria de passar por um

transplante cardíaco.

O novo coração de Mussum veio de um paciente residente do Tocantins, Darlinton Fonseca de Miranda, que morreu em um acidente de moto aos 23 anos. Curiosamente, houve ainda um caso “voluntário” (ao extremo) de doação. No início de julho de 1994, o vigia Gilmar Cícero Alves se suicidou e deixou uma carta, dizendo que seu coração devia ser doado ao humorista.

O primeiro temor dos médicos em casos de transplantes é a rejeição do órgão ou tecido do doador no novo corpo, ou seja, do receptor. Segundo diziam na época, somente após cinco anos o paciente tem chances mais reduzidas de ter o órgão rejeitado pelo organismo. A

recuperação de Mussum seria lenta e dolorida.

Mussum transferiu-se da clínica Pró-Cardíaco, no Rio de Janeiro, onde estava desde 29 de junho, para o Hospital Beneficência Portuguesa, em São Paulo. O humorista ainda pediu à clínica que desse a informação falsa de que ele teria recebido alta e estaria repousando na casa de amigos.

A cirurgia, longa e delicada, foi feita no dia 12 de julho, com a presença da família no hospital. Para alegria de todos, não houve a rejeição inicial, normalmente a fase mais crítica do pós-cirúrgico.

Esperava-se que, até o fim do ano, Mussum já tivesse condições de voltar a

gravar com o grupo, que estava parado naquele ano. Os primeiros sintomas de recuperação de Mussum foram logo notados. Ele passou a respirar sem o auxílio de aparelhos e, consciente, conseguiu voltar-se para o que realmente importava: futebol. Claro, afinal, era época de Copa do Mundo, e Mussum, como um brasileiro amante do futebol, não podia perder a seleção. Segundo os médicos, mesmo na UTI do hospital, Mussum ainda pôde assistir à última vitória brasileira na Copa de 94, contra a Suécia, em um magro 1 x 0, com gol de cabeça do baixinho Romário.

Curiosamente, como reportou o jornal *Folha de S. Paulo* de 15 de julho, a espera de Mussum por um coração fez

aumentar em 700% o número de órgãos disponíveis para transplantes em São Paulo. Foi o chamado “efeito Mussum”, como nomeou a publicação.

Mussum deveria deixar a UTI em cerca de 15 dias, mas complicações começaram a aparecer. No dia 16, ele foi operado pela segunda vez, com problemas de infecção no pulmão. Alguns dias depois, foi a vez de os rins apresentarem problemas, forçando o hospital a realizar uma hemodiálise (retirada de substâncias nocivas do sangue por meio de aparelho). Momentos depois, constatou-se uma infecção pulmonar, mais grave no pulmão direito.

Um dos grandes desafios dos médicos

no caso de Mussum foi lidar com o combate aos seus problemas sem aumentar os riscos de rejeição do órgão transplantado. Justamente para evitar essa rejeição, eles vinham dosando uma série de medicamentos ao humorista. Os mesmos medicamentos, porém, diminuía a capacidade do paciente de combater doenças e infecções, como a que lhe tirou a vida.

Antonio Carlos Bernardes Gomes foi declarado morto às 2h45 do dia 29 de julho de 1994. Mais uma perda gigantesca para Renato Aragão e Dedé Santana, que, assim, voltavam à formação dos tempos dos primeiros filmes do grupo.



Ora, pois, os Trapalhões em Portugal

*Exatamente como começou aqui no
Brasil, Dedé e Didi. Fizemos muito
sucesso.*

Dedé Santana, sobre a estada
portuguesa, com certeza.

Após a morte de Mussum, não houve um anúncio oficial sobre o momento em que os Trapalhões acabaram como grupo.

Foram feitos muitos comentários e boatos sobre o futuro de Didi e Dedé, especialmente na Globo. Logicamente,

ambos cogitaram parar, como aconteceu no período da morte de Zacarias.

Boatos à parte, o contrato com a Globo, ao menos, foi renovado. E, para 1995, o programa *Os Trapalhões* seria apresentado por Didi e Dedé, que receberiam convidados especiais em frente a um telão. Lá, episódios com os melhores momentos do grupo preenchiam a maior parte do tempo do programa, além de brincadeiras com a platéia e alguns quadros esporádicos. Com a decisão, o programa voltou às tardes de domingo, tirando do ar as reprises que eram exibidas durante a semana. A atração inédita entrava no ar logo após a *Escolinha do Professor Raimundo*, às 13h40.

A idéia, porém, não rendeu frutos. Ver o programa apenas com Didi e Dedé no palco soou melancólico. Os melhores momentos do programa ficavam por conta dos vídeos, com a compilação de piadas do quarteto. Porém, se já era triste para o público assistir a um programa inédito que tinha como principal atração cenas reprisadas, muito pior era para os próprios participantes, que viam ali, na tela, os companheiros de comédia durante tantos anos, ausentes na vida real.

Em 27 de agosto de 1995, foi exibido o último programa dos Trapalhões na TV Globo. Chegava ao fim uma era que havia começado no início de 1977, com mais de 500 programas – até 1999, o programa

ainda seria exibido somente com reprises, até sair definitivamente do ar.

Um novo começo, bem curto

Engana-se, porém, quem pensa que o grupo acabou por aí. Ainda houve uma sobrevida. Uma das maiores emissoras portuguesas, a SIC (Sociedade Independente de Comunicação), havia sido criada alguns anos antes, em 1992. Na época, um dos acionistas minoritários da emissora lusitana era Roberto Marinho (1904-2003), presidente e criador da TV Globo.

Reprises de *Os Trapalhões* já vinham sendo exibidas em Portugal desde 1994, com enorme sucesso, nas noites de

domingo. Juntaram todos os prós, e nenhum contra, resultado: nasceu o programa *Trapalhões em Portugal*. Segundo Dedé, o convite para o programa aconteceu após outro convite. “Fomos chamados para entregar um prêmio em Portugal. Acabamos conversando com eles e decidimos gravar por lá também”, conta.

A gravação ocorreu paralelamente aos compromissos dos dois artistas no Brasil. Eles passavam, em média, um mês em Portugal, e dois no Brasil. Na atração, a dupla mesclava novos esquetes com reprises de gravações antigas do Brasil. “Valorizamos o humor de circo, com tapas, quedas e correrias”, diz Dedé. A meta inicial da SIC era produzir 13

programas. No fim, eles ficaram nas viagens por três anos. “Voltamos ao começo de tudo, quando era apenas Didi e Dedé”, relembra o parceiro de Aragão.

Houve ainda um terceiro brasileiro que se juntou à dupla. Ele, Roberto Guilherme, de novo. Dedé sugeriu à direção da SIC levar o “Sargento Pincel” para terras portuguesas, e a direção aceitou. Juntos, os três protagonizavam com atores e atrizes de lá.



Cinema





*Renato Aragão e Duda Little em set de gravação
para O Mistério de Robin Hood (1991).
Arquivo Duda Little.*

Nota dos Autores

Este livro tem como principal objetivo retratar a escalada dos Trapalhães na televisão. Formação do grupo, nascimento, apogeu e decadência. Porém, um livro dos Trapalhães não seria completo se não abrangesse, ainda que de forma mais sucinta, o cinema, plataforma que se mostrou fundamental para a popularidade do quarteto em toda a sua história.

Analisando o mercado, vimos que já existem livros dedicados ao cinema realizado pelo grupo. E, para falar da carreira cinematográfica dos Trapalhães, seriam necessárias muitas e muitas

páginas – algo que não queremos, afinal, livros muito grandes costumam desanimar alguns leitores. Portanto, fazemos aqui uma breve análise de alguns filmes e da carreira do quarteto no cinema.



Introdução

*Era uma vez um cearense de Sobral
Um cigano de Niterói
Um carioca da Mangueira
E um mineiro de Sete Lagoas.*

Chico Anysio na abertura do filme *O Mundo Mágico dos Trapalhões*, de 1981.

Uma média de 3,9 milhões por filme. Nunca um quarteto fez tanto sucesso no país como esse. O Brasil do “quadrado mágico” da seleção brasileira de 2006 teve, muito antes disso, outro quadrado, que, se com a bola não era o melhor,

produzia muito mais magia.

Magia suficiente para conquistar uma geração inteira de crianças, que o acompanhavam todo domingo e corriam, aos milhões, para lotar as salas de cinemas. Os Trapalhões, em sua formação mais famosa, com Didi, Dedé, Mussum e Zacarias, impressionam pelos números, especialmente no cinema. Entre as dez maiores bilheterias de todos os tempos no cinema nacional, há nada menos do que seis filmes do grupo; se formos para as 20 maiores, esse número aumenta para 13. Se considerarmos as 30 maiores, temos 17; e assim por diante. Confira na lista:

MAIORES BILHETERIAS NACIONAIS*

POSIÇÃO	FILME	ANO	ESPECTADORES
1	<i>Dona Flor e seus dois maridos</i>	1976	10.735.524
2	<i>A Dama do Iotação</i>	1978	6.509.134
3	<i>O Trapalhão nas minas do rei Salomão</i>	1977	5.786.226
4	<i>Lúcio Flávio, o passageiro da agonia</i>	1977	5.401.325
5	<i>Dois filhos de Francisco</i>	2005	5.319.677
6	<i>Os saltimbancos Trapalhães</i>	1981	5.218.478
7	<i>Os Trapalhães na guerra dos planetas</i>	1978	5.089.970
8	<i>Os Trapalhães na Serra Pelada</i>	1982	5.043.350
9	<i>O Cinderelo Trapalhão</i>	1979	5.028.893
10	<i>O casamento dos Trapalhães</i>	1988	4.779.027
11	<i>Coisas eróticas</i>	1982	4.729.484
12	<i>Carandiru</i>	2003	4.693.853
13	<i>Os vagabundos Trapalhães</i>	1982	4.631.914
14	<i>O Trapalhão no Planalto dos Macacos</i>	1976	4.565.267
15	<i>Simbad, o marujo Trapalhão</i>	1976	4.406.200
16	<i>O rei e os Trapalhães</i>	1980	4.240.757
17	<i>Os três mosqueteiros Trapalhães</i>	1980	4.221.062
18	<i>O incrível monstro Trapalhão</i>	1981	4.212.244
19	<i>Lua de Cristal</i>	1990	4.178.165
20	<i>A princesa Xuxa e os Trapalhães</i>	1989	4.018.764
21	<i>O cangaceiro Trapalhão</i>	1983	3.831.443
22	<i>Se eu fosse você</i>	2006	3.644.956
23	<i>Os Trapalhães e o rei do futebol</i>	1986	3.616.696
24	<i>O Jeca macumbeiro</i>	1975	3.468.728
25	<i>Eu te amo</i>	1981	3.457.154
26	<i>O casamento dos Trapalhães</i>	1988	3.452.648
27	<i>Jeca contra o capeta</i>	1976	3.428.860
28	<i>O Trapalhão na ilha do tesouro</i>	1975	3.375.090
29	<i>Cidade de Deus</i>	2002	3.307.746
30	<i>Jecão... um fofoqueiro no céu</i>	1977	3.306.926

* Dados da Ancine (Agência Nacional de Cinema) de julho de 2007.

Quando os Trapalhões estavam na TV, seja na Excelsior, Tupi, Record ou Globo, o sucesso era garantido. Mas, quando se tratava de cinema, os números mostravam mais do que sucesso. Mostravam que o quarteto atrapalhado era uma verdadeira fábrica de fazer risos, criar sonhos e atrair milhões de pessoas.

A história da evolução do cinema nacional se confunde com a história do grupo. Durante duas décadas, os Trapalhões apareciam, religiosamente, nos cinemas, e batiam seus próprios recordes, sucessivamente. Às vezes, eram até dois filmes em um mesmo ano.

Nem todos eles eram uma primazia do ponto de vista técnico, convenhamos.

Porém, criticar filmes que atraem até cinco milhões de pessoas é muito fácil. A verdade é que o grupo foi capaz de criar excelentes roteiros, que além de trazer as habituais *gags*, também traziam mensagens críticas ao governo e lições sobre valores. Filmes como *Os Saltimbancos Trapalhões* ou *Os Trapalhões e a Árvore da Juventude* ensinam boas atitudes aos telespectadores.

Da mesma maneira que nos filmes, *Os Trapalhões* fizeram sucesso nas paradas musicais também, com as trilhas sonoras de suas obras. Novamente, destaque para *Os Saltimbancos Trapalhões*, que contam com uma trilha sonora produzida inteiramente por Chico Buarque, em um álbum de excelente qualidade.

Os Trapalhões nunca esconderam que seus filmes foram dirigidos majoritariamente às crianças. No entanto, a imprensa nem sempre aceitou isso da melhor forma, e acabou fazendo críticas pesadas a muitos deles. Com piadas infantis e fórmulas repetitivas, os filmes atraíam milhões às salas de cinema em todo o país, mas, ainda assim, eram alvo de chacotas e brincadeiras entre os adultos. Hoje, Renato e Dedé não pedem por reconhecimento. Apenas querem que seu público da época continue admirando-os e respeitando-os.

Assim foi a infância de uma geração. O tempo, inexoravelmente, passou, e as crianças são hoje pais e mães de família

que apenas lembram com uma ponta de saudade desses tempos. Mas os números ficaram. Os filmes ficaram. E é sobre eles que vamos falar agora.



Filmografia de Os Trapalhões

1. **1965** - NA ONDA DO IÊ-
IÊ-IÊ

2 . **1966** - ADORÁVEL
TRAPALHÃO

3. **1967** - DOIS NA LONA

4 . **1968** - A ILHA DOS
PAQUERAS

5 . **1969** - BONGA, O
VAGABUNDO

6. 1972 - ALI BABÁ E OS 40 LADRÕES

7 . 1973 - ALADIM E A LÂMPADA MARAVILHOSA

8. 1973 - ROBIN HOOD, O TRAPALHÃO DA FLORESTA

9. 1974 - O TRAPALHÃO NA ILHA DO TESOURO

1 0 . 1975 - SIMBAD, O MARUJO TRAPALHÃO

1 1 . 1976 - O TRAPALHÃO NO PLANALTO DOS MACACOS

**1 2 . 1977 - O TRAPALHÃO
NAS MINAS DO REI
SALOMÃO**

**1 3 . 1978 - OS TRAPALHÕES
NA GUERRA DOS PLANETAS**

**1 4 . 1979 - O CINDERELO
TRAPALHÃO**

**1 5 . 1979 - O REI E OS
TRAPALHÕES**

**1 6 . 1980 - OS TRÊS
MOSQUETEIROS
TRAPALHÕES**

1 7 . 1980 - O INCRÍVEL

MONSTRO TRAPALHÃO

*1 8 . 1980 - O MUNDO
MÁGICO DOS TRAPALHÕES*

*1 9 . 1981 - OS
SALTIMBANCOS
TRAPALHÕES*

*2 0 . 1982 - OS
VAGABUNDOS TRAPALHÕES*

*21. 1982 - OS TRAPALHÕES
NA SERRA PELADA*

*22. 1983 - O CANGACEIRO
TRAPALHÃO*

23. 1984 - OS TRAPALHÕES

E O MÁGICO DE OROZ

24. 1984 - *A FILHA DOS TRAPALHÕES*

25. 1985 - *OS TRAPALHÕES NO REINO DA FANTASIA*

26. 1986 - *OS TRAPALHÕES NO RABO DO COMETA*

27. 1986 - *OS TRAPALHÕES E O REI DO FUTEBOL*

28. 1987 - *OS TRAPALHÕES NO AUTO DA COMPADECIDA*

29. 1987 - *OS FANTASMAS*

TRAPALHÕES

30.1988 - OS HERÓIS
TRAPALHÕES

31.1988 - O CASAMENTO
DOS TRAPALHÕES

32.1989 - A PRINCESA
XUXA E OS TRAPALHÕES

33.1989 - OS TRAPALHÕES
NA TERRA DOS MONSTROS

34.1990 - UMA ESCOLA
ATRAPALHADA

35.1991 - O MISTÉRIO DE
ROBIN HOOD

36. 1991 - OS TRAPALHÕES E A ÁRVORE DA JUVENTUDE

Os seguintes filmes não foram incluídos:

**1. 1983 - ATRAPALHANDO A
SUATE**

**2. 1983 - O TRAPALHÃO NA
ARCA DE NOÉ**

**3 . 1997 - O NOVIÇO
REBELDE**

**4 . 1998 - SIMÃO, O
FANTASMA TRAPALHÃO**

5. 1999 - O TRAPALHÃO E A

LUZ AZUL

**6 . 2000 - UM ANJO
TRAPALHÃO**

**7 . 2003 - DIDI, O CUPIDO
TRAPALHÃO**

**8 . 2004 - DIDI QUER SER
CRIANÇA**

**9. 2006 - DIDI, O CAÇADOR
DE TESOUROS**

A decisão veio por mais de um motivo. Os filmes *Atrapalhando a Suate* e *O Trapalhão na Arca de Noé* de 1983, foram excluídos porque o grupo estava separado, como vimos anteriormente. Já

nos filmes gravados após a morte de Mussum, em 1994, não são mais marcados como um filme dos Trapalhões, mas de Renato Aragão.

Com relação aos filmes rodados antes da formação final do grupo, decidimos por sua inclusão, já que eles fazem parte da evolução histórica do grupo.



Os Trapalhões e o riso

O medo de perder tira a coragem de ganhar. Se você arriscar com entusiasmo e coração, o percentual de erro é mínimo.

Renato Aragão

Entre as várias diferenças que nos separam das demais espécies que convivem no planeta, está a capacidade de rir. E, para o ser humano, é possível rir de toda e qualquer situação, exceção feita a momentos do nosso próprio sofrimento,

porque, em alguns momentos, nos pegamos rindo do sofrimento alheio (por mais cruel que isso possa soar). O ato de rir só existe nos homens, e, de certa maneira, evoluiu, chegando até o humor feito por profissionais.

A maioria dos grandes humoristas concorda que fazer rir não é simples. É, na verdade, um grande desafio. E nem sempre questão apenas de dom ou de espontaneidade, mas de técnica. A técnica do riso. “Um humorista pode contar uma piada e você não ri. Depois, ele conta a mesma piada de outro jeito, e aí você cai no chão de tanto rir”, garante Dedé Santana.

O grupo liderado por Renato Aragão soube, como poucos, explorar essa

vertente, utilizando, em cada ator de sua formação mais famosa, uma veia artística diferente, de tal forma que, quando se juntavam, o resultado era um humor capaz de conquistar diferentes regiões do país, mesmo com costumes distintos:

- **Didi e o Nordeste.** Renato Aragão trazia de sua terra natal costumes, gírias e trejeitos típicos da região.
- **Dedé e o papel de chefe.** O papel de falso líder, a pessoa que de fato quer fazer que as coisas aconteçam, mas pouco ou nada faz para ajudar. E, como a maioria dos chefes, ele acaba sendo ridicularizado (ainda que pelas costas) pelos seus subalternos.

• **Mussum e a espontaneidade do malandro.** Mussum, entre os quatro, era o que menos precisava interpretar. Casos como o dele são raros e, normalmente, ganham mais popularidade. Trata-se de pessoas engraçadas por natureza, mesmo quando querem ser sérias. “Todo humorista tem o tempo certo da piada. O Mussum não precisava de tempo nenhum. Com ele, você ria de qualquer jeito”, diz Dedé. Mussum levou a malandragem do carioca para os Trapalhões.

• **Zacarias e a interpretação teatral.** De todos do grupo, Zacarias era o único que havia passado pelo teatro. Tímido,

não só o nome era falso, mas tudo, desde a peruca até o tom de voz, era completamente diferente do Mauro na vida real. Seus traços beiravam um tipo ligeiramente afeminado com traços infantis. Um personagem único.

Táticas de riso

Se já é sabido que o humor do quarteto apela para a comédia de circo, do típico *torta na cara*, existem também outras técnicas presentes, que, devido às estruturas que pedem, costumavam aparecer com muito mais frequência nos filmes do que, propriamente, nas exposições da televisão.

Contexto cultural vivo

Do primeiro filme listado aqui, em 1965, até o último, em 1991, é interessante notar como os Trapalhões atravessaram décadas e souberam usar de forma magistral cada momento cultural, cada ícone e os símbolos vividos pela geração do momento, além de histórias milenares que estão no inconsciente de cada um de nós.

Fossem conjuntos musicais, movimentos culturais, ícones do esporte, celebridades esporádicas ou eventos mundiais, os Trapalhões sempre se mostraram ligados no que acontecia de mais importante naquele momento e, em cima de determinado episódio e/ou

peessoa, desenvolviam seus roteiros. Muitas vezes, roteiros feitos de forma rápida e dinâmica, o que explica as fórmulas ligeiramente similares entre uma obra e outra, como veremos.

A literatura clássica e a televisão também foram uma fonte rica de roteiros para o grupo. Obras como *O Auto da Compadecida* e *Os Três Mosqueteiros* intercalavam-se com filmes baseados em sagas como *Star Wars* ou *Planeta dos Macacos*.

Na prática, em seus filmes os Trapalhões passaram pelas principais épocas da era humana na Terra ou fora dela (Pré-história, guerras, Era Medieval) e, já no século XX, tocaram com a Jovem Guarda e aproveitaram a onda do iê-iê-iê

dos Beatles, exploraram os males da ditadura, foram para Serra Pelada, viram o cometa Halley passar, jogaram futebol com Pelé, embarcaram no fenômeno Xuxa e ainda lutaram contra o desmatamento da Amazônia.

O roteiro, todos nós sabemos quase de cor: um relacionamento amoroso (platônico ou não), brigas do bem contra o mal e muitas confusões. Essa fórmula ganhou uma importância geométrica. O grupo percebeu que um casal romântico sempre “amarra” o filme de forma a prender a atenção e contagiar pela emoção. Além disso, outros modelos eram lugares-comuns nos filmes dos Trapalhões:

- **Os maus:** sempre os Trapalhões buscam de alguma forma vencer o mal, personalizado por chefes, inimigos mortais, donos sem escrúpulo, extraterrestres e assim por diante.

- **Os populares:** os roteiros dos filmes do quarteto sempre traziam espaço para os “populares” da vez. Isso se torna mais visível já no fim dos anos 1980, mas está presente desde o início. Muitas vezes, os Trapalhões não eram os protagonistas na luta do bem contra o mal, mas simplesmente heróis que acabavam ajudando os “populares” nessa missão. Nomes como Sílvio César, Cristiane Oliveira, Gugu, o grupo musical Dominó, Xuxa, Pelé ou Luiza

Brunet foram somente alguns a ocupar esse papel.

É interessante notar que, quando falamos em especial do casal romântico, em raros filmes os Trapalhões fazem o papel de protagonistas. Pelo contrário, nesses papéis, tanto o casal quanto os populares têm o estereótipo “preferido” pela sociedade, com características comumente ligadas a beleza e saúde. O quarteto trapalhão faz o contraste com esse grupo, causando não só o riso, mas também passando aos telespectadores uma visão de “heróis da vida real”, que vencem apesar de não terem a beleza, o dinheiro ou a popularidade dos outros protagonistas. A vitória do mais fraco

sobre o mais forte. E a gente sempre gosta de ver o mais fraco ganhar.

Renato Aragão afirmou, em entrevista à revista *Veja* de abril de 1981, quando perguntado sobre a fórmula para o sucesso de seus filmes:

Faço sinopses com ingredientes que agradam às crianças: corridas de lanchas, perseguições de aviões, cenas de perigo. Depois, pago dois redatores para fazerem dois roteiros, que transformo num terceiro.



Os filmes

Adoro Os Trapalhões no Auto da Compadecida . Eles tiveram a coragem de filmar um clássico da literatura brasileira, e pude ver que, além de serem ótimos atores, Didi, Dedé, Mussum e Zacarias se adaptaram muito bem na obra de Ariano.

Lincoln Scanapieco , 28, fã do quarteto desde a infância.

O objetivo das sinopses seguintes não é fornecer todas as informações sobre os filmes dos Trapalhões. Listamos aqui descrições e sinopses breves, com um

ângulo (quando necessário) mais opinativo ou descritivo, mais extenso ou curto, dependendo do contexto. Além da sinopse, incluímos a direção do filme e o número de espectadores (quando disponível).

Na Onda do lê-iê-iê (1965)

Rio de Janeiro, 111 minutos, p&b.

O primeiro filme do grupo, com a participação de Didi e Dedé. Desde o início, eles mostram como aproveitar a carona de fenômenos culturais e eventos temporais. No caso, o título faz alusão ao filme *Os Reis do Lê-iê-iê (A Hard Day's Night)*, dos Beatles. Didi e Dedé ajudam o galã César Silva, vivido pelo cantor Sílvio

César, a fazer sucesso como artista. O filme conta com a participação especial do comunicador Chacrinha.

Direção: Aurélio Teixeira

Nº de espectadores: não disponível

Adorável Trapalhão (1966)

Rio de Janeiro, 90 minutos, p&b.

Em um filme sem cores, Didi faz o papel de Eptácio, o empregado faz-tudo de um empresário musical, viúvo, com três filhos. O empresário resolve, então, tirar as crianças da escola e contratar uma professora particular. Entre uma cena e outra, as músicas de *rock* da Jovem Guarda mostram como, em qualquer

trama que pretendia fazer sucesso naquela época, o ritmo devia estar presente – até os famosos Golden Boys têm uma participação musical no filme. O roteiro traz, em partes, muita semelhança com o clássico *Noviça Rebelde*.

Curiosamente, Aragão gravaria, muitos anos depois, o filme *O Noviço Rebelde*...

Direção: J.B. Tanko

Nº de espectadores: não disponível

Dois na Lona (1967)

Rio de Janeiro, 98 minutos, p&b.

Aqui a dupla é outra. Didi atua ao lado do parceiro de *Adoráveis Trapalhões*, Ted Boy Marino. Como sempre, Ted Boy

interpreta um lutador. Porém, ele enfrenta problemas com algumas pessoas que querem manipular os resultados das lutas para ganhar dinheiro com apostas. Roberto Guilherme também está neste filme.

Direção: Carlos Alberto de Souza Barros

Nº de espectadores: não disponível

A Ilha dos Paqueras (1968)

São Paulo, 95 minutos, cor.

No momento da entrevista que fizemos com Dedé, ele havia acabado de receber o DVD com o filme em questão. “Olha só como eu era novinho!” Dedé mal se reconheceu na obra, em que atua

ao lado de Didi como funcionário em um navio de luxo. Acabam indo parar em uma ilha com garotas, porém, descobrem depois que a ilha é habitada por criminosos. Será que Leonardo DiCaprio se inspirou em Dedé para filmar *A Ilha*?

Direção: Fauzi Mansur

Nº de espectadores: não disponível

Bonga, o Vagabundo (1969)

Rio de Janeiro, 104 minutos, cor.

Bonga é um dos papéis preferidos de Renato Aragão, depois, logicamente, de Didi. Aqui, ele faz o Bonga, um vagabundo que anda pelas ruas sempre procurando uma maneira de comer de graça, dando pequenos golpes. Quando

está em frente a uma boate, conhece um *playboy* e com ele constrói uma grande amizade. O pai do rapaz pressiona-o a se casar e, então, com a ajuda do vagabundo Bonga, o novo amigo bola um plano para apresentar uma noiva falsa à família. Mas as coisas não correm como esperavam, tudo se complica e, na hora, Bonga leva até a casa do rapaz uma outra amiga que conhecera nas ruas e pela qual é apaixonado. A história termina com Bonga de volta às ruas, deixando um ar de que haveria uma seqüência do filme, que, aliás, segundo Renato, não foi compreendido pelo público. Bonga voltaria às telas em 1982, com *Os Vagabundos Trapalhões*. Aqui, mais uma vez Renato contracenava sem Dedé.

Chama a atenção no filme o fato de que Renato quase não fala na trama, ficando cerca de 2/3 do filme em silêncio.

Direção: Victor Lima

Nº de espectadores: não disponível

Ali Babá e os 40 Ladrões **(1972)**

Rio de Janeiro, 97 minutos, cor.

Paródia de uma das mais populares histórias da literatura universal, do livro *As Mil e Uma Noites*. No filme, Renato Aragão interpreta um Ali Babá extremamente preguiçoso, que vive à custa de seu irmão Cassim, interpretado por Dedé. Mas as regalias terminam quando a cunhada resolve expulsá-lo da

casa. Perambulando, conhece, então, uma ex-trapezista, Rosinha (Elza de Castro), que se tornara parálitica após um acidente no circo. O preguiçoso Ali Babá, apaixonando-se, abandona sua inércia e parte em busca de recursos para que sua amada possa fazer uma cirurgia na esperança de cura. Em sua busca, acidentalmente, descobre um esconderijo onde os ladrões depositam os produtos de seus roubos.

Direção: Victor Lima

Nº de espectadores: 1.641.372

Aladim e a Lâmpada

Maravilhosa (1973)

Rio de Janeiro, 90 minutos, cor.

A velha história do gênio da lâmpada mágica, que tanto encanta a crianças e adultos em todo o mundo. Na versão trapalhona, Didi e Dedé vendem um elixir milagroso, até que são surpreendidos pela chegada de bandidos em sua cidade. Os bandidos procuram por um anel que os ajude a fazer funcionar uma lâmpada mágica. Acontece que Didi possui o anel mágico o tempo todo, e mal sabe de seus poderes ocultos. Tudo muda quando o próprio Didi encontra a lâmpada e finalmente liberta o gênio aprisionado. Agora, resta a ele escolher seus desejos...

Direção: J. B. Tanko

Nº de espectadores: 2.573.241

Robin Hood, o Trapalhão da Floresta (1973)

Rio de Janeiro, 78 minutos, cor.

Robin Hood é vivido pelo galã Mário Cardoso. Ele segue a tradição original, roubando dos ricos e dando aos pobres. Porém, o herói se machuca, e precisa ser substituído. Quem entrará no lugar dele? *Cuma?* Vai me dizer que não sabe? Didi, com a ajuda do companheiro Dedé, consegue desmascarar e revelar os golpes de um inescrupuloso fazendeiro. Eles ainda contam com a ajuda de uma varinha mágica.

Direção: J. B. Tanko

Nº de espectadores: 2.978.767

O Trapalhão na Ilha do Tesouro **(1974)**

Rio de Janeiro, 96 minutos, cor.

O famoso “mapa do tesouro enterrado”, lenda tão comum sobre piratas, dá o mote a esse filme, que, para Dedé, é o mais bonito de sua carreira. Ele e Didi se passam por dois pescadores que entram numa roubada após descobrirem, sem querer, os golpes de uma quadrilha. A coisa esquenta quando eles, os bandidos, o policial que persegue os bandidos e um pirata de verdade começam a disputar um mapa para encontrar o tesouro enterrado em uma ilha.

Direção: J. B. Tanko

Nº de espectadores: 3.375.090

Simbad, o Marujo Trapalhão **(1975)**

Rio de Janeiro, 83 minutos, cor.

Didi é confundido pelos bandidos com um famoso trapezista chamado Simbad. Os bandidos estavam atrás do verdadeiro Simbad para libertar um gênio de uma lâmpada mágica (de novo a velha lâmpada). Dedé também está no elenco, como parceiro de circo de Didi.

Direção: J. B. Tanko

Nº de espectadores: 4.406.200

O Trapalhão no Planalto dos

Macacos (1976)

Rio de Janeiro, 86 minutos, cor.

Esse é o primeiro filme do qual participa Mussum, o terceiro trapalhão. Em uma sátira ao famoso *Planeta dos Macacos*, Didi e Dedé são perseguidos por Mussum, um policial que os confunde com assaltantes. Na perseguição, os três acabam caindo em um balão que os leva... ao planeta dos macacos. Entre várias macacadas, incluindo Dedé se tornando um símio e Didi paquerando uma macaquinha, eles conseguem voltar à Terra. Destaque para o momento em que Mussum, ainda no balão a caminho de outro planeta, liga para sua residência de seu telefone móvel policial (um precursor

do celular): “Vou chegar atrasado para o jantar!”.

Direção: J. B. Tanko

Nº de espectadores: 4.565.267

O Trapalhão nas Minas do Rei Salomão (1977)

Rio de Janeiro, 82 minutos, cor.

Quase seis milhões de espectadores. Este, que foi o filme de maior sucesso dos Trapalhões, exigiu locações até no Marrocos. O sucesso do filme, exibido em julho de 1977, foi muito alavancado pela estréia na Globo naquele mesmo ano. Para os especialistas, certamente não costuma figurar entre as melhores obras do grupo. As cenas no Marrocos, por

exemplo, não foram bem exploradas, e muitas vezes eles parecem estar em um local qualquer no Brasil. Na trama, Didi, Dedé e Mussum são “picaretas” profissionais, que ganham dinheiro simulando brigas e fazendo apostas. Uma moça os vê fazendo isso e imagina que eles são corajosos. Contrata-os para ir a uma expedição às minas do rei Salomão tentar libertar o pai, prisioneiro de uma sofrível bruxa. Além disso, claro, procuram o tesouro de Salomão.

Direção: J. B. Tanko

Nº de espectadores: 5.786.226

Os Trapalhões na Guerra dos Planetas (1978)

Rio de Janeiro, 98 minutos, cor.

Esse filme marca a entrada de Zacarias para o elenco também no cinema. É baseado, é claro, na saga *Star Wars*. Porém, fica a anos-luz – desculpem-nos pelo trocadilho – dos filmes de George Lucas. Em um roteiro simples, os Trapalhões estão dormindo ao relento, após se envolverem em algumas confusões, até que uma nave surge e os leva ao planeta Flick, onde eles devem ajudar a resolver problemas em troca de recompensas. Apesar das falhas técnicas, o filme até hoje é um enorme sucesso de bilheteria, superando a marca de cinco milhões de espectadores.

Direção: Adriano Stuart

Nº de espectadores: 5.089.970

O Cindelelo Trapalhão (1979)

Rio de Janeiro, 85 minutos, cor.

Mais uma sátira à literatura. Didi é o Cindelelo, um rapaz pobre e mal visto pela sociedade. Tudo muda quando uma família pede ajuda a ele e a seus três colegas para que a proteja de um malvado coronel que almeja suas terras. No fim, cada um deles ganha uma terra como agradecimento.

Direção: Adriano Stuart

Nº de espectadores: 5.028.893

O Rei e os Trapalhões (1979)

Rio de Janeiro, 82 minutos, cor.

O filme é ambientado no passado, época dos xeiques e sultões. Os quatro trapalhões são ladrões, e acabam conhecendo o rei do local, que vai preso após perder o trono para um bandido. Os cinco se unem, então, numa luta para devolver o posto de rei ao jovem e derrubar o vilão. No caminho, ainda contam com a ajuda de um gênio em uma lâmpada mágica.

Direção: Adriano Stuart

Nº de espectadores: 4.240.757

Os Três Mosqueteiros Trapalhões **(1980)**

Rio de Janeiro, 97 minutos, cor.

Um casal vive um romance, enquanto

os Trapalhões são os empregados da mansão onde mora a moça. Um colar que seria usado para um financiamento acaba desaparecendo e caindo na mão de bandidos. Ora, quem mais, se não os Trapalhões, para tentar recuperar a jóia? Eles partem em uma aventura pelo Brasil atrás dos bandidos. No caminho, recolhem algumas pedras sem valor, que descobrem, no fim, que são diamantes.

Direção: Adriano Stuart

Nº de espectadores: 4.221.062

O Incrível Monstro Trapalhão **(1980)**

Rio de Janeiro, 90 minutos, cor.

Didi e seus três amigos são mecânicos

de automóveis e trabalham em um autódromo. Na busca por um combustível mais poderoso, Didi acaba inventando uma fórmula que o transforma em um incrível monstro, gigante e com força descomunal. Os Trapalhões, aqui, brincam com o poderio estrangeiro em cima dos “nanicos” brasileiros. Quando Didi consegue, enfim, inventar um combustível poderosíssimo e sem usar petróleo, os estrangeiros querem comprar a fórmula a qualquer custo. Como Didi nega, dizendo que a fórmula será brasileira, eles tentam roubá-la. Aí, claro, ele volta a fazer uso da antiga fórmula e, como o incrível monstro trapalhão, vence a todos. O filme baseou-se no famoso seriado *Hulke*, que retrata o

monstro verde dos quadrinhos.

Direção: Adriano Stuart

Nº de espectadores: 4.212.244

O Mundo Mágico dos Trapalhões **(1981)**

Rio de Janeiro, 94 minutos, cor.

Originalmente, o filme em questão nasceu com o nome de *Os Anos Trapalhões*, mas acabou mudando. De certa forma, uma obra única do grupo. Ao contrário dos demais, aqui os Trapalhões não interpretam. O filme foi feito em forma de documentário, e mostra os bastidores de gravação do programa da Globo, entrevistas e depoimentos dos Trapalhões e de pessoas ao redor. O filme

ainda revela algumas cenas das filmagens, nos Estados Unidos do filme posterior do grupo, *Os Saltimbancos Trapalhões*. Ao mesmo tempo, o filme não contou com muita interferência dos Trapalhões na produção ou supervisão, já que, àquela altura, estavam totalmente dedicados à produção do filme seguinte. O *Mundo Mágico dos Trapalhões* foi produzido em comemoração aos 15 anos do quarteto.

Direção: Silvio Tendler

Nº de espectadores: 1.892.117

Os Saltimbancos Trapalhões **(1981)**

Rio de Janeiro, 95 minutos, cor.

“Queria fazer o melhor filme da

minha carreira”, afirmou Aragão em entrevista à *Superinteressante*. De fato, esse filme é considerado por muitos o maior e melhor filme do grupo. Além disso, *Os Saltimbancos Trapalhões* marca a volta do diretor J. B. Tanko. Tanko, na verdade, foi convidado para dirigir o filme após uma série de recusas de outros diretores – Bruno Barreto, Nelson Pereira e Carlos Diegues.

O filme conta com cenas gravadas nos estúdios da Universal, em Hollywood, alugados por US\$ 75 mil. Renato fez questão de ter o melhor na obra, incluindo a trilha sonora, que foi toda criada por Chico Buarque.

A obra retrata, com bastante sutileza, a realidade brasileira. Inteligente e

permeada com doses de humor, mostrou as desigualdades sociais, a corrupção dos poderosos, o drama dos menores abandonados e a fome. Funcionários humildes, os amigos Didi, Dedé, Mussum e Zacarias transformam-se na principal atração do circo Bartholo, graças à capacidade que possuem de fazer o público rir. Por isso, enfrentam a oposição do mágico Assis Satã e a ganância de Barão, dono do circo.

Direção: J. B. Tanko

Nº de espectadores: 5.218.574

Os Vagabundos Trapalhões **(1982)**

Rio de Janeiro, 90 minutos, cor.

O filme marca a volta do personagem Bonga, de Renato Aragão, agora em companhia de mais três “vagabundos”. Juntos, eles moram em uma caverna com crianças abandonadas. Porém, uma das crianças é filha de um empresário multimilionário, que oferece uma recompensa para quem encontrá-la. Bonga terá de se livrar dessa, explicar ao pai da criança o acontecido e ainda evitar a companhia de ladrões que querem faturar a recompensa.

Direção: J. B. Tanko

Nº de espectadores: 4.632.428

Os Trapalhões na Serra Pelada
(1982)

Rio de Janeiro, 88 minutos, cor.

Os Trapalhões na Serra Pelada teve um orçamento de 150 milhões de cruzeiros, e gerou uma renda de 1,7 bilhão de cruzeiros. Conversões monetárias à parte (que não faremos aqui), é o sinal da força dos filmes dos Trapalhões.

O quarteto (assim como milhões de pessoas no Brasil) resolve tirar sua casquinha do fenômeno que foi a Serra Pelada. Na trama, eles são garimpeiros, explorados pelo gringo Von Berman, também interessado em se apossar de uma valiosa fazenda para transformá-la em área de contrabando de ouro. Os Trapalhões juntam-se a um grupo de insatisfeitos e declaram guerra ao

explorador. O filme conta, inclusive, com participação especial do Exército Brasileiro, que aparece para combater alguns contrabandistas.

No fim, claro, Didi encontra a montanha de ouro – final bem mais feliz do que de muitos aventureiros que passaram pela Serra Pelada real. ⁴

Direção: J. B. Tanko

Nº de espectadores: 5.043.350

O Cangaceiro Trapalhão (1983)

Rio de Janeiro, 90 minutos, cor.

Esse foi o filme que gerou a matéria na *Veja* de 1983, como falamos no capítulo da separação dos Trapalhões. Em um dos roteiros mais complexos da

filmografia do grupo, aqui também fica marcada a entrada de atores de “maior” peso, como Regina Duarte e Bruna Lombardi. Didi é um pastor de cabras do Nordeste que vive em busca do mar. Renato tem uma participação separada da dos outros Trapalhões aqui, e diferentemente do que costuma acontecer em outros filmes, eles não são parceiros fiéis em toda a trama.

Direção: Daniel Filho

Nº de espectadores: 3.831.443

Os Trapalhões e o Mágico de Oroz (1984)

Rio de Janeiro, 93 minutos, cor.

Paródia do famoso *O Mágico de Oz*, o

filme mostra a luta do povo nordestino contra a seca e a migração para outras regiões do país em busca de uma vida melhor. A abertura do filme traz o seguinte poema:

Vinte e cinco milhões de habitantes.

Quase um continente esquecido.

Nordeste.

Massa de um todo que

A seca reduziu a pó.

Resto de verde.

Resto de mundo. Resto de
esperanças.

Resto de gente.

Resto de vida num lugar em que a
vida

Confunde-se com a morte.

Diz o sofrido sertanejo,
Que a seca é a vida sem vida.
Por mais gente que grite,
Este homem não consegue ser
ouvido.

Suas esperanças vão se diluindo à
medida

Em que aumenta a surdez dos
homens insensíveis.

E o povo carece de prece, pois
acredita que

O Nordeste não é uma terra sem
Deus.

Direção: Dedé Santana

Nº de espectadores: 2.465.898

A Filha dos Trapalhões (1984)

Rio de Janeiro, 104 minutos, cor.

Esse é considerado o filme favorito de Dedé Santana, que também dirigiu a obra. Na trama, eles moram em um barraco de dar dó, em um lago. Didi encontra uma garota, e o quarteto resolve adotá-la. Acontece que se trata de um bebê perdido de uma quadrilha especializada em comércio de crianças. A mãe, arrependida, também está à procura da criança que havia vendido aos bandidos. Logicamente, no fim a mãe encontra sua filha, e os Trapalhões, apesar de tristes, alegram-se por devolvê-la à mãe.

Direção: Dedé Santana

Nº de espectadores: 2.462.034

Os Trapalhões no Reino da Fantasia (1985)

Rio de Janeiro, 80 minutos, cor.

Os Trapalhões aproveitam a parceria no mundo dos negócios com Beto Carrero e interagem com ele também nas telas do cinema. Aqui, o quarteto ajuda um orfanato, onde a responsável é Irmã Maria, personagem de Xuxa. Porém, o dinheiro do show é roubado enquanto eles ainda atuam. Mussum e Zacarias seguem entretendo a platéia enquanto Didi e Dedé saem atrás dos larápios. O dinheiro é recuperado em uma sátira ao Velho Oeste americano, justamente no

cenário que daria origem, alguns anos depois, ao *Beto Carrero World*.

Direção: Dedé Santana

Nº de espectadores: 1.751.709

Os Trapalhões no Rabo do Cometa (1986)

Rio de Janeiro, 81 minutos, cor.

Mais uma vez, os Trapalhões aproveitam temas da época para suas histórias. Aqui, o evento foi o cometa Halley, que passou pelo sistema solar naquele ano (e só passa por aqui a cada 76 anos, em média). Os Trapalhões embarcam em uma viagem pelo tempo, em forma de desenho animado, assinado pelo cartunista Mauricio de Souza.

Direção: Dedé Santana

Nº de espectadores: 1.250.000

Os Trapalhões e o Rei do Futebol **(1986)**

Rio de Janeiro, 74 minutos, cor.

O filme mostra a briga entre cartolas do futebol. O Independência Futebol Clube vai mal das pernas, e, para mostrar poder, o presidente do clube resolve contratar o primeiro que entrar pela porta... Claro, é Aragão, que interpreta Cardeal. Ele e seus três companheiros abandonam a função de faxineiros do clube e vão treinar os jogadores – com um método nada ortodoxo, diga-se de passagem. Em uma das cenas, o grupo

solta galinhas em campo, e a função dos jogadores é pegá-las. Pelé é a grande estrela do filme, e se passa por um jornalista que acaba jogando no gol em uma das últimas cenas. Destaque para a cena em que Renato Aragão cobra o escanteio para ele mesmo (o próprio Renato) cabecear e fazer o gol. Um dos filmes mais engraçados do quarteto.

Direção: Carlos Manga

Nº de espectadores: 3.616.696

Os Trapalhões no Auto da Compadecida (1987)

Rio de Janeiro, 96 minutos, cor.

O clássico de Ariano Suassuna, de 1955, já teve incontáveis versões, e é, até

hoje, sinônimo da cultura nordestina. Os Trapalhões também embarcaram na história. Didi é João Grilo, que só arruma problemas ao lado de Chicó (Dedé). A história segue sua trama original, porém, com uma série de nuances que somente o quarteto poderia criar. O elenco contou com nomes como Cláudia Gimenez e participação especial de Raul Cortez.

Direção: Roberto Farias

Nº de espectadores: 2.610.371

Os Fantasma Trapalhões (1987)

Rio de Janeiro, 88 minutos, cor.

A partir dessa fase, os filmes dos Trapalhões começam cada vez mais a contar com celebridades da época.

Algumas seguiram no estrelato, enquanto outras acabaram sumindo e nunca mais foram vistas na mídia. No caso de *Os Fantasma Trapalhões*, o filme conta com Gugu Liberato no elenco, entre outros.

Didi, Dedé, Mussum e Zacarias testemunham um acidente na beira da estrada. No socorro, o acidentado lhes revela o local onde estaria escondido um tesouro. Só que o “tesouro”

é, na verdade, resultado de um assalto a banco. Os Trapalhões vão atrás do dinheiro, e para isso contam com a ajuda de um fantasma.

Direção: J. B. Tanko

Nº de espectadores: 2.689.380

Os Heróis Trapalhões (1988)

Rio de Janeiro, 85 minutos, cor.

A primeira aventura dos Trapalhões na Amazônia, lugar para o qual voltariam alguns anos depois. Um maluco resolve seqüestrar a filha de um importante ministro. E lá vai o quarteto em mais uma missão de resgate. E, como não poderia deixar de ser, ao lado de figuras importantes da época – no caso, o grupo Dominó, com Afonso, Marcos, Marcello e Nill. No fim, eles vencem o insano, recuperam a moça e ainda são premiados pelo Exército.

Direção: José Alvarenga Jr.

Nº de espectadores: 2.905.721

O Casamento dos Trapalhões (1988)

Rio de Janeiro, 82 minutos, cor.

Baseado no filme *Sete Noivas para Sete Irmãos*, o filme retrata os quatro trapalhões como irmãos, que moram em meio a uma baderna generalizada. Didi resolve ir atrás de uma noiva, e é bem-sucedido. Claro, ela leva um grande susto quando chega à casa em que ele reside com os três familiares, uma verdadeira pocilga. Porém, resolve ficar.

Direção: José Alvarenga Jr.

Nº de espectadores: 4.779.027

A Princesa Xuxa e os Trapalhões

(1989)

Rio de Janeiro, 112 minutos, cor.

Na virada da década, o cinema brasileiro vivia uma de suas piores crises. Para tentar combater o mal, alguém teve a idéia de juntar, e desta vez de forma mais explícita, Xuxa e os Trapalhões. Enredo simples, em que uma princesa enfrenta os vilões com a ajuda de quatro cavaleiros. A idéia deu resultado, com uma das maiores bilheterias da época.

Direção: José Alvarenga

Nº de espectadores: 4.018.764

Os Trapalhões na Terra dos Monstros (1989)

Rio de Janeiro, 91 minutos, cor.

Um dos roteiros mais fracos de toda a filmografia do grupo, aqui já fica claríssimo quanto os filmes dos Trapalhões vinham investindo em tecnologia, mas decaindo na qualidade das histórias. A celebridade *teen* Angélica ganha um concurso e poderá gravar um videoclipe com o grupo musical sensação da época, o Dominó, no alto da Pedra da Gávea (Rio de Janeiro). Porém, o pai dela não a deixa ir, e para realizar seu sonho maluco, a garota resolve ir às escondidas. O pai, então, contrata os Trapalhões para encontrarem a filha. Na busca pela menina, eles caem em um buraco habitado por estranhas criaturas. A fórmula, no entanto, fez sucesso e o filme

contou com um bom público.

Direção: Flávio Migliaccio

Nº de espectadores: 3.200.000

Uma Escola Atrapalhada (1990)

Rio de Janeiro, 95 minutos, cor.

O último filme com Zacarias no elenco. Aqui, porém, os Trapalhões pouco aparecem, agindo mais como figurantes. Parte do público decepcionou-se, em especial por conta do título do filme, que inclui a palavra “atrapalhada” – ou seja, era esperada uma atuação maior do quarteto. Na trama, a escola onde estudam os personagens de Angélica e Supla será demolida, mas eles lutam para que isso não aconteça. O tom do filme é

mais adolescente.

Direção: Antonio Rangel

Nº de espectadores: 2.571.095

O Mistério de Robin Hood **(1990)**

Rio de Janeiro, 90 minutos, cor.

As tramas no cinema seguiam a fórmula da TV, ou vice-versa. Assim como Didi “cuidava” de Duda Little nos quadros do Trapa Hotel, aqui ele protege Duda, mais uma vez no papel de uma menina abandonada e órfã. Didi vive um Robin Hood moderno, roubando de bandidos para dar a quem precisa. Dedé e Mussum trabalham em um circo, ao lado do esconderijo de Didi. Xuxa também

está no elenco, como a filha de um mágico. E, claro, Didi é apaixonado por ela. Curiosamente, foi o segundo filme do grupo baseado no mesmo tema (*Robin Hood, o Trapalhão da Floresta*, de 1973), dando a impressão, inclusive, de que as idéias dos Trapalhões estavam se esgotando. Aqui, porém, Aragão botou as mangas de fora e viveu o próprio Robin Hood, ao contrário do primeiro.

Direção: José Alvarenga Jr.

Nº de espectadores: 1.269.658

Os Trapalhões e a Árvore da Juventude (1991)

Rio de Janeiro, 90 minutos, cor.

O último filme do grupo não faz jus

ao sucesso que os coroou durante toda a carreira – foi uma das piores bilheterias do grupo em sua formação completa. Os *Trapalhões e a Árvore da Juventude* traz todos os ingredientes de um filme do grupo: tema atual (ecologia, Amazônia) e galãs da época (Cristiana Oliveira, a Juma da novela da época, *Pantanal*, e Duda Little, do *Trapa Hotel*, entre outros). Didi, Dedé e Mussum são guardas-florestais na Amazônia, e encontram uma fonte da juventude. Tornam-se crianças. No fim de 1991, a crise do governo Collor decretou um verdadeiro luto no cinema nacional; juntando-se a isso a decadência do grupo, esta acabou por ser a última obra do trio. Renato Aragão só voltaria a filmar seis anos depois, em 1997.

Direção: José Alvarenga Jr.

Nº de espectadores: 1.174.274



4 N. do A.: em 1980 estourou a corrida do ouro no garimpo de Serra Pelada, no Pará. No começo da febre, mais de 25 mil homens se amontoavam numa grande cratera e chegavam a tirar uma tonelada de ouro por mês. Para comportar o excessivo número de pessoas no local, polícias federal e militar do Pará trabalharam juntas. Muitos eram aventureiros que se submetiam a enormes sacrifícios, suportavam o intenso calor e respiravam a constante poeira de monóxido de ferro que exalava do garimpo, altamente

prejudicial aos pulmões.

Conclusão (dos filmes)

*Mesmo que você esteja triste, sorria;
finja que está feliz e atrairá coisas
positivas dos outros para si.*

Renato Aragão

Os Trapalhões foram oportunistas como nunca. Usaram de forma brilhante celebridades temporais, fatos consensuais, idéias momentâneas, temas universais e táticas simples e funcionais do ponto de vista do próprio marketing – como exhibir filmes durante o período de férias

escolares. Do ponto de vista técnico, o grupo deixa a desejar em inúmeros aspectos, que vão desde a própria interpretação de seus protagonistas até questões como iluminação, cenografia e figurino.

Felizmente, no entanto, esses não são os fatores primordiais na avaliação de um grupo humorístico. Os Trapalhões foram brilhantes no que se propuseram. E, se a proposta era fazer um humor simples, mas bem-feito, que cativasse as crianças e deixasse os pais tranquilos quanto ao que os filhos estavam vendo no cinema, eles conseguiram. E o fizeram de forma excepcional, há que ser dito.

A trupe liderada por Renato Aragão mostrou aos brasileiros de uma geração

que o produto nacional ainda valia – e muito. O quarteto tirou as crianças da companhia de Rocky Balboa, Bruce Willis e máquinas mortíferas, e deixou-as com Didi, Dedé, Mussum e Zacarias explorando nossa cultura. Revelou um Brasil genuíno, com problemas sociais graves, imperfeições, que nenhum outro filme exibiu na época. E, mesmo que tivesse exibido, não seria da maneira que os atrapalhados humoristas fizeram – c o m *riso*. Não há outro grupo humorístico na história brasileira que tenha conseguido escancarar o Brasil da maneira que *Os Trapalhões* conseguiram. De uma forma leve, divertida e descontraída, eles mostraram aos “da

poltrona” um Brasil real.



Curiosidades



Histórias imperdíveis

Ao longo das entrevistas realizadas para a confecção deste livro, uma série de histórias curiosas acabaram sendo reveladas. Muitas delas entraram nas páginas principais do livro. Outras, porém, acabaram ficando de fora, por não terem relevância histórica para o tema da obra. Achamos um grande desperdício não usá-las. Por isso, escolhemos algumas das melhores passagens em entrevistas para incluir no fim do livro, em um capítulo recheado de curiosidades – mais uma vez, aqueles que conhecem nossas obras anteriores sabem que essa não é uma fórmula inédita.

Histórias emocionantes, narradas pelos próprios entrevistados (quando possível). Detalhes que ficariam apenas na memória de testemunhas da vida e obra dos Trapalhões, e agora estão registrados aqui. Saiba mais, emocione-se e, claro, dê boas risadas com as pérolas das páginas seguintes!

Mussum e o medo de cobra (por Adriano Stuart)

“Quando nós filmávamos o *Cinderelo Trapalhão*, descobri que o Mussum tinha pavor de cobra. Eu peguei um caboclo lá e disse: ‘você consegue arrumar uma cobra? Mas tem que ser uma cobra morta. E quanto maior, melhor’. Eu dei 50

mangos pra ele e ele trouxe uma dentro de uma caixa de papelão.

Quando o Mussum chegou, viu aquela caixa e ficou desconfiado. O Aragão correu, pegou aquela cobra e levou em direção ao Mussum. Ele saiu correndo e subiu numa árvore que ele demoraria três dias pra subir! E só desceu quando a gente provou por $A + B$ que a cobra estava morta.

Teve uma outra cena em que o cara tocava flauta e a cobra dançava. Então, o Mussum me disse: ‘Se você e o Aragão me aprontarem de novo, eu não gravo!’ Não conseguíamos chegar ao local da gravação de carro, então tivemos que parar a uns dois quilômetros dali e fomos a pé, com os equipamentos nas mãos. Quando

chegamos lá, o cara já estava tocando, e a cobra, dançando. O Aragão e eu nem tínhamos combinado nada, mas quando chegamos perto do local onde estava a cobra, o Renato cochichou de propósito no meu ouvido. Bastou isso para o Mussum sair em disparada de volta para o ônibus.”

A origem do “Sargento Pincel” (por Roberto Guilherme)

“Eu ia começar a ser o sargento no quadro dos Trapalhões e pensei ‘tenho que criar alguma coisa especial, não pode ser um papel comum’. O Emanuel Rodrigues sugeriu fazer um quadro com

uma aposta entre o sargento e os soldados, e se o sargento perdesse, teria que raspar o cabelo. Topei. O pessoal ainda pediu para eu usar peruca, mas eu assumi a careca – algo que não era moda naqueles tempos. Modéstia à parte, o pessoal de hoje pode ter se inspirado em mim. O sargento, então, ficou careca, mas ainda não tinha nome. Na época, entre nós, rolava uma brincadeira criada pelo Roberto Silveira. Sempre que o Renato entrava, de sacanagem dizia: ‘que negócio de pincelada é essa, hein? Toda vez ele dizia aquilo... Aí mandei fazer uma camisa escrita no peito ‘PINCEL’. Em cena, eles me chamavam de sargento e eu dizia ‘um momentinho, meu nome é

Pincel!”. E aí nasceu o sargento Pincel.”

Por que quatro?

Quando perguntamos a Wilton Franco de onde veio a idéia de criar um grupo com quatro pessoas, eis a resposta: “Pensei nos quatro naipes do baralho”.

Roberto e Renato, irmãos de sangue (por Roberto Guilherme)

“Estávamos fazendo um show na Penha, e o Aragão passou mal. Tive de segurá-lo em meus braços. Então, eu tirei ele de cena e voltei discretamente falando ‘o 49 (*número do soldado Didi*) não está se

sentindo bem e foi para a enfermaria'. Todo mundo pensando que estávamos somente contracenando. Ele não voltou mais e continuamos o show improvisando a parte do Aragão.

Depois do show eu calculei que fosse besteira, que não era nada de grave. Eu tinha que viajar, mas alguma coisa me dizia: 'vai ao hospital visitá-lo'. Então eu fui lá e adiei minha viagem. Cheguei lá, estava todo mundo reunido, a família e os médicos, então eu perguntei o que estava acontecendo. O médico disse que o Aragão estava com um problema muito sério e precisava de sangue urgente... 'Só que o sangue dele é tipo O negativo e não temos aqui'... Pois era o meu tipo de sangue, e inclusive eu sou doador.

Saí dali, fiz exame de sangue e doei 900 mililitros de sangue, quase um litro, para o Renato. Moral da história: viramos irmãos de sangue também.”

Assobiando no microfone

Segundo conta Adriano Stuart, muitas das trilhas sonoras dos Trapalhões para os filmes nasciam a partir de “composições” de Renato Aragão. Porém, como o humorista não tocava instrumento algum à época, ele simplesmente assobiava no microfone do estúdio a música que havia criado mentalmente. Era a melhor forma que Renato encontrava para transcrever a melodia para os responsáveis pelos

arranjos musicais.

O Mundo Mágico dos Trapalhões

Não, não estamos falando do filme de 1981, mas de um tema: o tema do desfile da Unidos do Cabuçu, escola de samba do Rio de Janeiro. A agremiação homenageou os Trapalhões em 1988 com um desfile inteiro dedicado ao grupo. Embora não tenha ido bem (ficou apenas em 15º lugar naquele ano, de um total de 16 escolas), a letra é lembrada por alguns fãs, que cantarolam vez ou outra:

*Didi, Dedé,
Mussum e Zacarias*

*Seu mundo é
Encanto é magia.*

Ghost-writer (por Carlos Alberto da Nóbrega)

“Se vocês puderem colocar isto no livro, eu vou ficar muito grato. Teve uma época, quando eu tinha saído do SBT, eu tinha brigado com o Silvio [Santos] e eu estava sem contrato, vivia apenas de cachê, na TV Tupi. Meu pai e minha mãe, na época, estavam morrendo de câncer, os dois estavam com a doença. E algumas vezes eu simplesmente não tinha cabeça pra escrever, não conseguia me concentrar, foi uma fase muito difícil pra mim. Pois o Renato Aragão escrevia o

texto do programa por mim, e botava o meu nome na assinatura, para eu poder receber o cachê. Isso é uma coisa que não existe. Eu sou eternamente grato a ele, porque ele foi meu amigo quando eu estava por baixo...”

Açúcar na salada (por Beto Carrero)

“O Renato Aragão era o tempo todo brincadeira. De vez em quando, ele colocava molho de tomate no meu chapéu, colocava açúcar na salada. Era um gozador, bolando brincadeiras o tempo todo, aprontando gozações. A vida dele era aquilo, não tem melhor companhia pra viajar do que o Renato

Aragão.”



Dedé e Duda Little, em uma das viagens para shows, em 1991. Ao fundo, está Renato Aragão. Arquivo pessoal de Duda.

As perucas do Ivon Cury (por Ted Boy Marino)

“Eu, naquela época, não sabia falar nada em português, e resolvia tudo nos quadros da luta... Como a luta era tão famosa, teve uma vez que o Ivon Cury entrou na briga e levou um sopapo na cabeça, e a peruca dele caiu. Pra proteger o Ivon de aparecer em público sem a peruca, caímos todos em cima dele, e ele falava ‘cadê minha peruca, cadê minha peruca?’. Como a luta não acabava nunca, porque ninguém achava a peruca do Ivon Cury, o Wilton Franco começou a gritar dos bastidores: ‘Que m... de luta é essa que não acaba nunca?’”

**Martelinho de ouro (por
Wanderley Cardoso)**

“Em um dos episódios de *Os Adoráveis Trapalhões*, o contra-regra tinha que preparar um martelo, um porrete. E não existia esse negócio de isopor naquela época. Então, o contra-regra tinha que quebrar a madeira do martelo e passar cola bem de leve. Assim, na hora da pancada, o martelo quebrava. Mas o contra-regra esqueceu de colar, então eu dei com tudo a pancada, e ao invés de quebrar o martelo, quebrou a cabeça do ator – era o Átila Yori, na época genro do Dedé, que participava de vez em quando. Quando eu vi, fui socorrê-lo e ele disse ‘não pára o texto, continua!’ E o programa continuou... Ele saiu de cena e levaram ele direto para o hospital...

Felizmente ficou tudo bem depois.”

O poodle de Duda Little

Em 2004, morreu a cachorrinha de Maria Eduarda, a Duda Little dos Trapalhões. A cachorrinha, uma *poodle* de nome Suzy, foi-lhe dada de presente quando tinha 11 anos. “Eu vivia dizendo que queria um cachorro, falava todo dia. Aí, uma vez um entregador apareceu em casa com uma cachorrinha. Era um presente do Dedé.” Foi o último Trapalhão, aliás, com quem Duda teve contato. “Ele veio fazer um espetáculo com o Beto Carrero em 2000 ou 2001, aí eu fui lá falar com ele.”

Aberturas

As aberturas de *Os Trapalhões* passaram por dezenas de mudanças ao longo de sua história na televisão. Ainda nos tempos de Excelsior, havia apenas uma vinheta em preto-e-branco, com crianças, sem alusão nenhuma ao grupo, mas à identidade visual da emissora.

Já na Globo, as aberturas mais conhecidas do público traziam os humoristas na forma de desenho animado. Primeiramente, em desenhos mais caricatos, em que cada um se envolvia em trapalhadas diferentes. Posteriormente, os desenhos ganharam traços mais humanos, quase como pinturas de imagens reais dos próprios

atores.

Os últimos anos na Globo são lembrados por vinhetas mais modernas, com arranjos musicais elaborados e uso de fontes e imagens repletas de cores vivas e alegres.

Até no videogame

A maioria das pessoas, se não se lembra, pelo menos já ouviu falar do Atari. Pois é, mas esse *videogame* que popularizou a febre do gênero em todo o mundo teve um precursor: o *Odyssey*. Lançado pela Philips, foi o primeiro *videogame* popular por aqui. Pouco tempo depois, o Atari chegaria para acabar de vez com o Odyssey.

Porém, antes que isso acontecesse, os Trapalhões entraram em cena mais uma vez com as boas e velhas ações de marketing. Em 1983, saiu para o Odyssey o cartucho “Didi na Mina Encantada”, que era inspirado no jogo original *Pick Axe Pete*, ou “Pete Picareta”, na versão dublada. O jogo tinha como mote principal o tema do filme *Os Trapalhões na Serra Pelada*. As semelhanças, porém, param aí. Os gráficos ainda eram muito limitados, e o jogo basicamente lembrava o famoso *Donkey Kong* original. Ainda assim, como aquilo era o que de mais avançado existia, o sucesso foi estrondoso, e o jogo marcou uma geração.

Roberto, o quase primeiro Bozo

Por muito pouco Roberto Guilherme, o Sargento Pincel, não acabou sendo o primeiro Bozo da televisão brasileira. Larry Harmon, um empresário dos Estados Unidos, era o dono da imagem de Bozo, e a vendia para diversos países no mundo – inclusive o Brasil.

Larry veio ao país para conferir um teste de Bozos. Sim, isso mesmo, ele queria verificar quem daria um bom Bozo em terras tupiniquins. E Roberto era um dos candidatos, como você pode ver abaixo:

“O americano empresário veio ao Brasil escolher quem seria o Bozo do

Brasil e eu fiz o teste. O americano gostou... Quando o Silvio [Santos] me viu, me disse: ‘O que é que você está fazendo aqui? Você é da programação da noite!; ‘Eu vou fazer o Bozo’, respondi. Ele apenas falou ‘que Bozo que nada, qual que é teu problema?’. Expliquei a ele que no Bozo ia ganhar um dinheiro a mais. Aí ele chamou o diretor da época e mandou aumentar meu salário, e afirmando que eu não ia fazer o Bozo. Aí, o Silvio colocou o Wandeko Pipoca e deu certo [Wandeko Pipoca foi o primeiro Bozo brasileiro].”

Uma outra trapalhona

Segundo Wanderley Cardoso, antes

de Vanusa, a direção da Excelsior já havia tentado incluir uma mulher no elenco fixo. “Era Gláucia Graieb, irmã da Nívea Maria. Mas parece que houve um desentendimento, e no segundo programa ela não estava mais”, diz Wanderley Cardoso – ele ainda teria um romance com Vanusa, que entrou no lugar de Ted Boy Marino.

Ruim? Ruim como?

Quando Duda Little foi perguntada se havia alguma lembrança ruim de sua infância ao lado dos Trapalhões, esta foi a resposta:

Ruim? Poxa, eu tinha 10, 11 anos e

passava um fim de semana na casa do Didi e outro na casa da Xuxa, toda hora. Foi uma época maravilhosa.

O Memorial de Zacarias

Na época da morte de Zacarias, cogitou-se fazer um museu em homenagem ao ator, até hoje uma das figuras mais ilustres de Sete Lagoas, em Minas Gerais. Porém, o projeto arrasta-se por anos a fio. E ainda ficou mais difícil depois da ação de larápios. “A Globo passou aqui uma época e doou roupas e perucas que Zacarias usava nos programas. Era um museu da cidade em que eles queriam fazer um memorial só pra ele. Mas não conseguiram fazer

porque ladrões roubaram tudo”, lamenta Vilma, irmã do ator.





Didi e Duda Little em gravação. Arquivo pessoal de Duda.

Referências Bibliográficas

LIVROS

ARAGÃO, Renato. *Meus Caminhos*. Rio de Janeiro: Ed. JAJ Comércio, 2002.

FALCÃO, Ângela; ALMEIDA, Cândido José Mendes de; MACEDO, Cláudia. *TV ao Vivo – Depoimentos Organizadores*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil -1902-1982*. 26.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LUNARDELLI, Fatimarlei. *Ô Psit! O Cinema Popular dos Trapalhões*. Porto Alegre: Editora Artes e Ofícios, 1996.

MAIOR, Marcel Souto. *Almanaque da TV Globo*. São Paulo: Ed. Globo, 2006.

MATTOS, Sérgio. *História da Televisão Brasileira*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.

PALLOTTINI, Renata. *Dramaturgia de Televisão*. São Paulo: Editora Moderna, 1998.

RIXA. *Almanaque da TV*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2000.

SILVA, Gonçalo Júnior. *País da TV: a história da televisão brasileira contada por*

quem entende. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.

SODRÉ, Muniz. *Televisão e Psicanálise*. São Paulo: Editora Ática, 1987.

Memória das Organizações Globo. *Dicionário da TV Globo, Vol.1: Programas de Dramaturgia & Entretenimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. *Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do Maior Sucesso da Televisão Brasileira*. São Paulo, 2004.

JORNAIS e REVISTAS

Folha de S. Paulo:

- 18 de março de 1990
- 19 de março de 1990
- 03 de abril de 1994
- 10 de junho de 1994
- 12 de julho de 1994
- 14 de julho de 1994
- 15 de julho de 1994
- 27 de julho de 1994
- 29 de julho de 1994
- o 30 de julho de 1994
- o 30 de dezembro de 1994

O Dia

- 10 de março de 1990

O Globo

- 19 de março de 1990
- 20 de março de 1990
- 28 de julho de 1991

Veja

- 29 de abril de 1981, pág. 52 e 53
- 13 de julho de 1983

Jornal do Brasil

- 09 de março de 1990

O Estado de S. Paulo

- *Jornal do Commercio* / RJ
- 19 de março de 1990

DVD Consultado:

Trapalhões Forevis – Superinteressante
(Ed. Abril)

SITES CONSULTADOS:

paginas.terra.com.br/lazer/trapalhoes,
www.alfasites.com.br/didi/indextrapa
www.ancine.gov.br/
www.wikipedia.org
www.betocarrero.com.br
www.globo.com/turmadodidi
www.youtube.com
www.infantv.com.br
www.sbt.com.br
www.mundodostrapalhoes.hpg.ig.com
www.abz.com.br/zemenezes/index.ht
www.mofolandia.com.br

ENTREVISTADOS (EM ORDEM ALFABÉTICA)

- Adriano Stuart
- Angélica Muniz
- Beto Carrero
- Carla Santos
- Carlos Alberto de Nóbrega
- Dedé Santana
- Dino Santana
- Emanuel Rodrigues
- Lincoln Scanapieco
- Maria Eduarda (Duda Little)
- Paula Bernardes Gomes
- Paulo Aragão
- Roberto Guilherme

- Ted Boy Marino
- Thiago Peres
- Tom Cavalcante
- Vilma Faccio Gonçalves
- Wanderley Cardoso
- Wilton Franco
- Zé Menezes

**Visite nosso site e conheça
estes e outros lançamentos**

www.matrixeditora.com.br

ALMANAQUE DA MÚSICA BREGA

**Autor: Antonio
Carlos Cabrera**



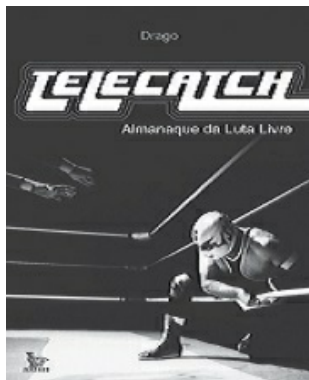
O livro que reúne as histórias de vida e a discografia de praticamente todos os artistas da música brega brasileira dos anos 1970, 80, 90 e da

atualidade.

TELECATCH – ALMANAQUE DA LUTA LIVRE

Autor: Drago

Entre os anos de 1960 e 1980, a turma da luta livre fez um gigantesco sucesso pelas TVs do Brasil. Neste livro, você vai conhecer as histórias e as glórias de diversos



de seus personagens, como Fantomas, Tigre Paraguaio, Ted Boy Marino e muitos outros. A popularidade do *telecatch* – essa mistura de esporte e encenação – hoje não é sombra do que já foi, mas ele continua por aí, alegrando pessoas por todos os cantos do país.

ANTHONY

**STEFFEN – A
SAGA DO
BRASILEIRO
QUE SE
TORNOU
ASTRO DO
BANGUE-
BANGUE À
ITALIANA**

**Daniel
Camargo, Fábio
Vellozo e
Rodrigo Pereira**

Nas décadas de 1960 e



70, os *westerns spaghetti* fizeram muito sucesso no Brasil e no mundo. Entre os grandes do subgênero estava o brasileiro Anthony Steffen. Sua vida e carreira estão relatadas nesta biografia que ainda inclui fotos e cartazes de dezenas de filmes nos quais atuou. Reviva esta época de ouro e descubra a verdadeira história do brasileiro que se tornou ídolo do cinema europeu.



